

2

PÁGINA

Rolezinho feminino
contra a violência de
gênero no Brasil
Arilda Inês Miranda

Entrevista com Luis
Fernando Bovo

3

PÁGINA

O que estaria por trás
dos ataques às UPPs
cariocas?
Cláudio Edward dos Reis

4

PÁGINA

O pano de fundo no debate em
torno da Petrobras
Valdemir Pires

FÓRUM

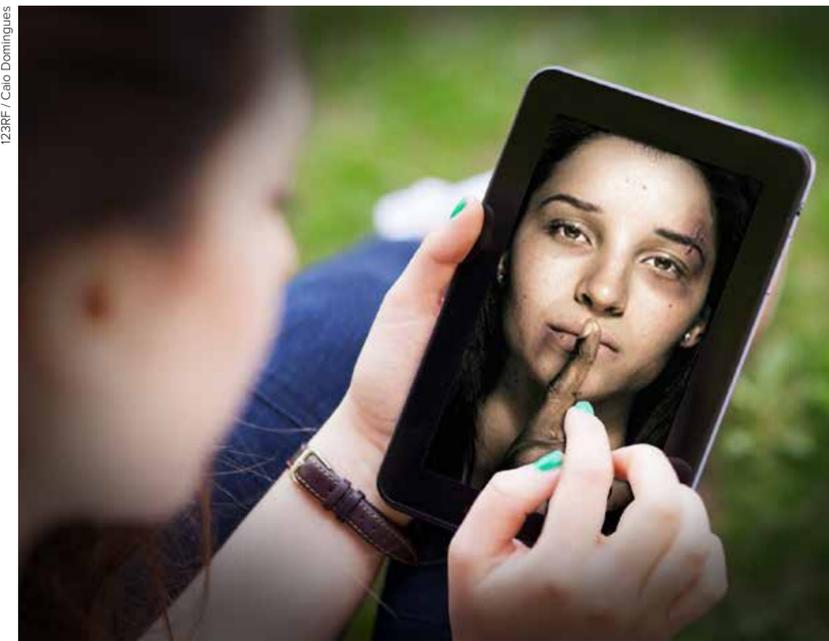
123RF



CONHECIMENTO PÚBLICO

A fim de consolidar sua posição como uma das melhores universidades do Brasil, a **Unesp** se empenha para que o conhecimento produzido e acumulado por seus pesquisadores em todas as especialidades também chegue à população, a partir dos meios de comunicação do país. Nesse esforço, coordenado pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), uma das iniciativas é garantir que os professores não só tenham seus trabalhos noticiados pelos órgãos de divulgação, como também possam tornar públicas suas análises e opiniões sobre temas de importância para a sociedade. Um bom exemplo

dessa proposta é a participação de docentes de diversas áreas da Universidade no *Estadão Noite*. Esse serviço do jornal *O Estado de S. Paulo* oferece artigos de especialistas sobre os mais variados temas para os assinantes que têm tablets. Nesta edição, reunimos três artigos, selecionados entre os vários textos que, desde junho do ano passado, vêm sendo produzidos para esse veículo, sobre assuntos que chamam a atenção dos brasileiros. Todos os textos publicados no *Estadão Noite* estão disponíveis no espaço “Debate acadêmico” <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/>> do Portal Unesp.



ROLEZINHO FEMININO CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL

Arilda Inês Miranda

Durante mais de três mil anos, as mulheres viveram na condição de escravas domésticas, submissas e serviçais ao público masculino, seja nas perspectivas pagãs, religiosas, patriarcais, ditatoriais, liberais ou capitalistas. A submissão era inscrita nas leis favoráveis aos homens, como no Código de Hamurabi (1300 a.C) ou mesmo no Tratado dos Costumes Franceses (1300 d.C), que lhes permitiam praticar a violência de gênero. Os lusitanos, em 1500, encaixavam as mulheres dentro de uma categoria denominada Imbecilitus Sexus, desvalorizadas pelo Estado português, que as mantinha em casa.

A violência de gênero é mais forte do que nunca: de hora em hora, uma mulher é assassinada no Brasil

Embora nos últimos decênios grupos feministas tenham lutado contra e possibilitado a abertura de sua atuação nos espaços públicos, o machismo se mantém vivo. Vivíssimo! Empoderado por representações culturais misóginas (ódio às mulheres) visibilizadas no cotidiano nacional, brasileiros descendentes do patriarcalismo colonialista ibérico continuam a invadir o corpo feminino, com anuência de todos os segmentos sociais. Assim, culturalmente, os machistas sempre se sentiram

à vontade para “encoxarem” as mulheres, contra a vontade. Depois, em ambiente propício, as estuprarem e, no torpor da misoginia, matarem o gênero que os pariu.

Nos dias de hoje, essas práticas culturais relativas aos “encoxamentos” infelizmente ainda são consentidas, minimizadas em programas humorísticos, em piadas de escritórios, em campos de futebol, por locutores de rádio (...), cristalizando a ideia de que é o “instinto masculino” que os faz agir assim, no ônibus, no metrô ou onde a oportunidade surgir. Autorizados por seus pares e infelizmente por muitas mulheres, rompem com o estado de direito, dentro de um país democrático.

A violência de gênero está mais forte do que em qualquer outra época. De hora em hora, uma mulher é assassinada no Brasil. Mulheres pertencentes ao século XXI. As agressões estão por toda a parte: chefes de família, pesquisadoras, professoras, braçais, serventes, advogadas, médicas, engenheiras, jornalistas, comerciantes, escritoras, redatoras, domésticas, costureiras, manicures...

A sociedade deve dar um basta. Por serem cidadãs, elas contribuem com impostos e deveres para a nação e, nesse sentido, precisam manter o direito democrático de ser respeitadas em suas escolhas. Somente a elas cabe o poder de dizer o que fazer com o corpo que lhes pertence. Um rolezinho feminino pode ser o dispositivo que desencadeie essa mudança.

Artigo publicado no *Estadão Noite* do dia 2 de abril.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/portal/#/debate-academico/rolezinho-feminino-contra-a-violencia-de-genero-no-brasil/>>.

Arilda Inês Miranda é professora do Departamento de Educação da Unesp de Presidente Prudente.

ANÁLISES PARA VALORIZAR O QUE IMPORTA NO NOTICIÁRIO

LUIS FERNANDO BOVO
Por Denio Maués

Editor-executivo de conteúdos digitais do grupo O Estado de S. Paulo, Luís Fernando Bovo explica, nesta entrevista, a proposta do *Estadão Noite*:

JORNAL UNESP: Qual o objetivo do “Estadão Noite”?

LUIS FERNANDO BOVO: O *Estadão Noite* é um produto desenvolvido exclusivamente para tablets. Ele complementa o noticiário do dia, com artigos que analisam as principais notícias, além das principais fotos, de três vídeos exclusivos e de um boletim de rádio feito especialmente para o produto. O *Estadão Noite* busca dar sentido e pescar no manancial de informações que inundam o dia a dia do leitor o que realmente importa. Para isso, buscamos profissionais respeitados e que possam dar ao leitor essa compreensão. O *Estadão Noite* é um produto para ser consumido rapidamente, sem que o leitor comprometa seu tempo. Nos nossos estudos, verificamos que a utilização do tablet pelos leitores do *Estadão* ocorre prioritariamente à noite. Por isso, ele tem um layout que facilita a leitura noturna.

JU: Qual o perfil do público do Estadão Noite?

BOVO: O perfil é o leitor que está interessado em entender o que foi importante no dia e qual o impacto daquela notícia em sua vida, por exemplo. Pelos nossos estudos, são leitores que já acompanham o *Estadão* impresso, pela manhã, e que seguem o noticiário e o avanço dos fatos pelo *Estadão* mobile, durante o dia. Nossa ideia é ampliar a participação que tem hoje o *Estadão Noite* no nosso menu. Ele representa em média de 10% a 15% do total de downloads das nossas edições tablets. Achamos que ele pode ser mais acessível, inclusive pelo desktop.

JU: Não deve ser fácil manter esse ritmo de publicar uma média de cinco artigos diários...

BOVO: Não é. Mas é essa a proposta do *Estadão Noite*. Por esse motivo, tem uma equipe dedicada, com uma editora cuja função é, exclusivamente, procurar artigos e pensar em edições especiais, quando a situação exige. Já fizemos edições especiais nos protestos de junho, com mais de 10 artigos sobre o tema, por exemplo, e no final do mês. Uma vantagem do *Estadão Noite* diante do jornal impresso, por exemplo, é que ele pode trazer 10, 15 artigos sem que isso envolva imprimir mais páginas de jornal. Ele pode ser guardado facilmente e servir para pesquisas, como já de fato acontece.



J. S. Diorio/Estadão Conteúdo

Nosso leitor está interessado em entender o que foi importante no dia e qual o impacto daquela notícia em sua vida

JU: Então, abre-se espaço para outras visões sobre um mesmo assunto.

BOVO: Sem dúvida. E esse é o principal valor do produto. Periodicamente, fazemos um trabalho de divulgação do produto para um público formador de opinião e que pode participar escrevendo artigos. O interessante é que esse produto aproxima a academia dos leitores e, de certa maneira, “força” os professores a produzirem um texto em horas, em muitos casos.

JU: Essa diversidade também propicia ao leitor um número maior de articulistas que não cabem no jornal impresso.

BOVO: Acho que o *Estadão Noite* tem um papel fundamental de descobrir bons analistas que estão fora dos grandes jornais. Não raro o *Estadão* impresso usa muitos dos textos que são produzidos para o Noite. O jornal impresso tem uma limitação, que é o papel, o número de páginas. Não temos essa limitação na edição tablet. Portanto, enquanto o jornal tem em seu DNA uma edição cautelosa e pautada por essa limitação, o *Estadão Noite* pode soltar um pouco as amarras e ter, em vez de 1 ou 2 temas sobre um assunto, 3, 4 ou mais, dependendo do tema. Acho que, no fim das contas, ganha o leitor, que terá no papel um produto e no tablet, um outro, mais recheado e que complementa a leitura do impresso.

JU: Já houve algum tema que dificultou a obtenção de um artigo?

BOVO: Sim, muitos. Há temas que pela recorrência facilitam as análises. Mas há outros que, pelo ineditismo, dificultam. Há temas que precisam esfriar para que as análises sejam corretas. Alguns acontecimentos dão reviravoltas, portanto, a experiência de um editor dedicado e a conversa constante com a redação são importantes para o sucesso do produto.



O QUE ESTARIA POR TRÁS DOS ATAQUES ÀS UPPS CARIOCAS?

Cláudio Edward dos Reis

Seria um recado aos poderes constituídos reafirmando que o controle ainda permanece nas mãos dos “donos” das comunidades?

Uma manifestação de força e um alerta que poderia repercutir na imagem do Brasil às vésperas da Copa do Mundo? Ou um apelo à negociação e um grito de socorro de quem só vê a presença do Estado em determinados períodos, ou quando se registram fatos de grande repercussão?

O retorno das Forças Armadas a comunidades marginais (no sentido de quem está à margem) revela o mais novo capítulo na questão da violência que assombra o Rio de Janeiro, às vésperas da Copa do Mundo (será esta a verdadeira preocupação?).

A pacificação das áreas de conflito, que começou em 2008, transmitida ao vivo pela TV, como se fosse uma final de Copa do Mundo, com direito a tiros e fugas desesperadas de indivíduos associados ao crime, está repleta de relatos de abuso de poder e de ocupação estratégica, com tímidos passos de um Estado ainda omissivo em relação à sua população e aos seus direitos mais fundamentais.

Devemos considerar que a ocupação foi uma boa jogada de mestre, atendendo a necessidades pontuais, e que pareceu, num primeiro momento, ser a resposta esperada do Estado constituído ao estado de abandono em que se encontravam e ainda se encontram as comunidades. E foi esse estado de abandono, condição de quem, ao longo de décadas, foi vítima de desmandos e esquecimentos, o gerador das condições para que as comunidades fossem cortejadas e literalmente assumidas por outros tipos de poderes.

É fato que esses poderes também não surgiram do acaso, mas ao longo de uma história recente. Seu surgimento está ligado à finalidade precípua de abastecer setores do centro da capital. As margens abastecem todo o centro, com produtos que vão desde a mão de obra barata a outras categorias de itens, que são de fácil acesso e de comercialização garantida e que sustenta poderes estabelecidos num círculo vicioso.

O Rio de Janeiro, diferentemente dos outros Estados da federação, tem na sua geografia as condições físicas privilegiadas que permitem oferecer uma bela vista para o turista, principalmente o que vem de fora do país. Esta atitude pode, como na Grande Interação de Foucault ou nas políticas

de higienização do início do século passado, escamotear as mazelas do subdesenvolvimento e da falta de atenção à população mais carente.

A violência do Rio de Janeiro não é maior nem tão alarmante em comparação com qualquer outra cidade do país, basta ver as estatísticas. O que parece mudar no Rio é a integridade de sua imagem, os danos causados à cidade maravilhosa, principalmente se considerarmos os consumidores de suas belezas.

Estariam as Forças Armadas preparadas para uma ocupação “ad infinitum”? Pois, salvo se ocorrerem mudanças estruturais na relação poder-povo, a problemática da violência apenas hibernará durante os grandes eventos, ressurgindo logo após. O que ocorrerá após a Copa, ou ainda depois das Olimpíadas? Qual o legado que a população, principalmente a mais carente, receberá desses megaeventos?

Se perguntarmos o que essas comunidades querem, o que ouviremos?

Será que mais uma vez não se está recorrendo ao paliativo? Há que se perguntar: O Estado está presente de fato nessas comunidades? Se perguntarmos o que essas comunidades querem, o que será que ouviremos? Pode até ser segurança, mas isso deve ser dito por quem está lá dentro e não por quem imagina saber o que elas necessitam.

Sinceramente; eu torço para que o Rio, assim como qualquer outro local deste imenso país, seja um local de paz. E paz para todos.

Artigo publicado no *Estadão Noite* do dia 24 de março.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/portal/#/debate-academico/o-que-estaria-por-tras-dos-ataques-as-upps-cariocas-nos-ultimos-dias/>>.

Cláudio Edward dos Reis é psicólogo, professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis e vice-coordenador do Nevrig – Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero.



O PANO DE FUNDO NO DEBATE EM TORNO DA PETROBRAS

Valdemir Pires

A Petrobras é uma empresa que se coloca entre as maiores do mundo e é a maior do Brasil. O valor que esta empresa de economia mista (parte privada, parte pública) adiciona ao PIB brasileiro e o faturamento anual que gera fazem dela um gigante econômico-financeiro e produtivo-tecnológico, cuja gestão se equipara à de um pequeno país em volume e complexidade. Suas ações têm tamanha representatividade no mercado bursátil nacional, que a variação de seu valor chacoalha diariamente os índices da Bolsa de Valores.

A Petrobras é um orgulho nacional há décadas e ultimamente vem sendo um dos principais esteios da inserção do país nos negócios globais. Este é um fato inconteste, que não pode ser deixado de lado quando se vai discutir qualquer assunto relacionado a essa empresa. Desconsiderando-se isto, corre-se o risco de submeter esta “joia da coroa” a ataques oportunistas e a riscos “fabricados”, que afetarão os interesses nacionais, os interesses empresariais, os interesses em termos de empregos e tecnologias gerados, os interesses de acionistas e os interesses de fundos de pensão que estão carregados com ações da empresa, entre outros.

Além disso, é preciso levar em conta que a Petrobras, embora tenha sua alta administração indicada pelo governo federal brasileiro, devido à sua condição de acionista majoritário, primeiro, não é gerida somente pela lógica governamental, já que existem os outros milhões de acionistas, com poder de voto e capacidade de exercer pressão direta (a empresa está em um nicho de mercado de alta governança corporativa) e indireta (compra e venda de papéis da empresa, afetando o valor das ações e da empresa) sobre as decisões tomadas e frente aos resultados obtidos; segundo, é uma empresa que está competindo num mercado global altamente valioso e ocupado por potências econômicas que fazem de tudo para eliminar os concorrentes, por razões de mercado (market share e lucro) e por razões estratégicas (domínio de fontes de energia). Sendo, pois, uma empresa, joga e arrisca – é da natureza do capitalismo. Jogando e arriscando, perde e ganha – é da natureza dos negócios.

Isso posto e aceito – do contrário a Petrobras não

existiria com sua atual configuração organizacional –, tudo que ela decide e faz se submete, primeiro, à lógica do mercado; segundo, aos limites institucionais e legais, aí incluídas as normas para a atividade empresarial em geral e toda a regulação específica para as sociedades anônimas; terceiro, aos interesses, muitas vezes conflitantes e tantas vezes variáveis ao sabor da conjuntura, de acionistas majoritários, de acionistas minoritários, de fornecedores e parceiros, de dirigentes e funcionários, do governo (enquanto investidor em busca de retorno do negócio e das ações), do país (enquanto beneficiário pela via da tributação e da garantia de controle nacional sobre reservas de energia).

Será que para a configuração desta tormenta empresarial enfrentada pela Petrobras concorreram ingredientes de imperícia administrativa e/ou de improbidade?

Ultimamente, fruto de uma conjuntura financeira internacional desfavorável (que levou à fuga de acionistas avessos a riscos, que estão demorando a voltar), de uma queda duradoura dos preços de commodities (que derubou faturamento, apesar do aumento da produção), de uma demanda localizada por novos investimentos – mormente no pré-sal (que reduz lucros no curto e médio prazos e afasta compradores de ações que estão em busca de vantagens imediatas) e de dificuldades políticas para

equiparar o preço dos combustíveis aos padrões internacionais, a Petrobras vem vivendo um “inferno astral”.

Será que para a configuração desta tormenta empresarial enfrentada pela Petrobras concorreram ingredientes de imperícia administrativa e/ou de improbidade? A resposta não é fácil. Mas uma coisa é certa: o ônus da prova cabe a quem acusa, no campo judicial (em que pesem todas as invencionices que podem brotar por aí). No campo administrativo/corporativo, ninguém está muito interessado em prova: diante de indícios e perdas iniciais, qualquer um cai fora, se livrando das ações, ou permanece na sua posição, esperando o retorno das vantagens, já descontando os oportunismos e barbeiragens que já se sabe existirem em toda e qualquer empresa, principalmente nas gigantes (como tem alertado a nova economia institucional, cheia de sugestões para se evitar o logro e o oportunismo). Resta o campo político: a Petrobras é um prato feito, pronto para ser servido, na disputa eleitoral em curso, no confronto partidário que se arrasta opondo agremiações que, umas, estão no poder há anos, outras, não suportam mais ficar fora dele.

Eis o pano de fundo sobre o qual a discussão acerca do declínio da lucratividade, a respeito da perda de valor patrimonial e em torno das aquisições e alienações de ativos (com e sem vantagens) da Petrobras deve ser feita, sendo tolice ou oportunismo desconsiderar qualquer dos aspectos desse tecido complexo e multifacetado; e sendo, acima de tudo, estupidez acreditar que sejam preocupações éticas ou morais, de transparência ou de gestão – e não político-partidárias e eleitorais internas e/ou estratégicas (no contexto global das nações) e empresariais-competitivas externas – as que mais pesam neste momento.

Artigo publicado no *Estadão Noite* do dia 20 de março.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço: <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/o-pano-de-fundo-no-debate-em-torno-da-petrobras/>>.

Valdemir Pires é economista, professor de Finanças Públicas da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, e líder do Grupo de Pesquisa sobre Controle Social do Gasto Público do Departamento de Administração Pública da Unesp.



4 Nos 50 anos do golpe de 1964, Unesp cria Comissão da Verdade

3 Entrevista com Dias Toffoli, ministro do Supremo Tribunal Federal

12 Núcleo cria portal para facilitar trabalho de pesquisadores



jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXVIII • NÚMERO 299 • MAIO 2014



ENSINAR É APRENDER

Ilustração Alexander C. Coelho



É preciso promover uma revolução na formação dos professores do país, com a valorização da prática docente e o trabalho conjunto das universidades e das redes municipais e estaduais de ensino básico no preparo dos futuros profissionais. Essa foi a proposta do II Congresso Nacional de Formação de Professores e do XII Congresso Estadual Paulista de Formação de Educadores, que em abril reuniram 1.580 participantes de 27 Estados brasileiros. **páginas 8 e 9**



11 Workshops debatem redes de pesquisa e cursos de especialização

16 Diretor recorda como presença da Universidade mudou Botucatu

Academia na mídia
Artigos de professores da Unesp analisam questões da atualidade no *Estadão Noite*



O golpe militar de 1964 completa 50 anos

Governo João Goulart causou temor a setores conservadores, como empresários associados ao capital estrangeiro, banqueiros, Igreja Católica e parte das camadas médias

Pedro Geraldo Saadi Tosi

No começo dos anos 1960, o Brasil vivia uma crise política que se arrastava e que se agravava desde 1961, diante da renúncia de Jânio Quadros. O vice de Jânio, João Goulart, assumiu a presidência num clima político adverso e muito tenso. Goulart queria fazer um governo marcado pela abertura às organizações sociais: estudantes, populares e trabalhadores ganharam espaço, levando temor às classes conservadoras, como, por exemplo: empresários associados ao capital estrangeiro, banqueiros, Igreja Católica, setores militares e camadas médias de corte conservador. Todos temiam uma guinada do Brasil para o lado socialista, já que o mundo nesse período vivia o auge da Guerra Fria.

[...] Em 13 de março de 1964, João Goulart realiza um grande comício na Central do Brasil – na cidade do Rio de Janeiro –, ocasião em que defende as “Reformas de Base”, prometendo mudanças radicais na estrutura agrária, econômica e educacional do país.

Seis dias depois, em 19 de março, os conservadores organizam uma manifestação contra as intenções de João Goulart. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade reuniu milhares de pessoas pelas ruas do centro da cidade de São Paulo.

[...] Em 31 de março de 1964, tropas militares de Minas Gerais e São Paulo saíram às ruas para “evitar uma guerra civil”. Diante da reação conservadora, Jango deixou o país, refugiando-se no Uruguai, e os militares tomam o poder. [...]

ATOS OFICIAIS QUE MARCAM A CHEGADA DA LINHA DURA AO PODER

[...] O primeiro militar empossado foi Castelo Branco [Humberto de Alencar Castelo Branco], que instalou o Ato Institucional nº 1 – AI-1. O AI-1 tinha por objetivo cassar o mandato de opositores ao novo regime, em especial



Ricardo Migliorisi, *La cómoda*, 1979

“Linha dura” recorreu ao Ato Institucional nº 5 para centralizar poder no Executivo

da imprensa que se colocava contra os militares, de um lado, e do Movimento Democrático Brasileiro – MDB –, de outro.

Nesse período, o país passa a ter apenas dois partidos políticos: Arena – Aliança Renovadora Nacional – e MDB.

O segundo presidente do regime a tomar posse foi Costa e Silva [Arthur da Costa e Silva], que lançou o mais duro ato do governo militar, o AI-5.

O Ato Institucional nº 5 foi a maneira encontrada pela “linha dura” (como ficou conhecida a ala do governo de ideias mais repressivas e autoritárias) de centralizar o poder no Executivo, minimizando o poder do Legislativo. O país vivia um período obscuro quando da edição desse ato, pois as relações entre o Executivo e o Legislativo estavam conturbadas e, para piorar a situação, o deputado Márcio Moreira Alves, eleito pelo MDB da Guanabara, proferiu discurso sugerindo que a população boicotasse a parada militar em

comemoração à Independência e que as mulheres não namorassem militares envolvidos na atividade repressiva. [...]

[...] Embora o AI-5 não deva ser visto estritamente como resposta ao discurso do deputado e nem mesmo aos focos de luta armada que se desenrolavam como enfrentamento dos grupos mais radicais que se punham contra o regime, já que estes lutavam pelo aprofundamento das reformas que os militares golpistas abortaram.

O AI-5 era parte de um projeto de uma linha mais radical dos militares, que ganhara destaque desde o início do período militar e que buscava constituir aparatos de controle social e não se restringia à repressão, mas alcançava a censura e a propaganda política.

Com o AI-5, com o Decreto-lei 1.077, que regulamentava a censura prévia, vários órgãos da imprensa sofreram mediante intervenção do Estado, que editou um rol de normas a serem seguidas e que foram distribuídas aos meios de comunicação

no Rio de Janeiro. Esses atos oficiais eram o desdobramento e direcionamento de preceitos contidos no Decreto-lei nº 314, baixado por Castelo Branco, conhecido como a Lei de Segurança Nacional, que havia instituído a noção de “guerra psicológica”, apontando para a necessidade de se combater o inimigo interno. [...]

O RECRUESCIMENTO DO REGIME MILITAR INTERFERIU NA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

[...] Os jornais de maior poder aquisitivo e de maior circulação apresentavam soluções diferentes para os vetos, como, por exemplo: *O Estado de S. Paulo*, que nos seus espaços vetados incluía receitas culinárias e até mesmo poemas de Camões. Enquanto isso, a revista *Veja* colocava “diabinhos” nos seus espaços. [...]

[...] Durante vinte anos no poder, a Ditadura Militar oscilou entre rigor e intensidade, em suas diversas fases. Alguns historiadores consideram que, nos

anos em que se iniciou o regime de 1964, até 1968, a repressão e a censura em geral não foram tão rígidas quanto nos anos de 1968 em diante, da posse de Médici [Emílio Garrastazu Médici] na Presidência da República em 1969, a 1974, quando Geisel [Ernesto Geisel] assume o cargo de presidente e inicia-se o processo de distensão política.

[...] A censura prévia implicava: seja a presença de uma equipe de censores na redação, que foi a forma adotada contra vários grandes jornais que se recusaram a se submeter à autocensura; seja a obrigação de enviar a Brasília todos os materiais para que fossem examinados, que foi o caso da imprensa alternativa, geralmente de frequência semanal.

O envio para Brasília representava um problema de difícil solução: a entrega e o recebimento do material deveriam ser feitos em Brasília, devendo os editores arcar com o ônus do transporte. Isso acarretou a necessidade de manter uma representação permanente em Brasília; conseqüentemente, as publicações que não puderam financiar esses requisitos simplesmente fecharam.

Além disso, com frequência, os materiais só eram devolvidos em cima da hora de publicação, no dia anterior, deixando pouco tempo para organizar a edição. [...] Claro que isso afetou a qualidade da publicação, não só pela depuração política e ideológica, por um lado, como pela necessidade de inserir textos improvisados, à última hora, por outro.

Pedro Geraldo Saadi Tosi é professor do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas e atua no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da FCHS – Câmpus de Franca.

Forças Armadas devem reconhecer erros

Para ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, Lei da Anistia de 1979 impede punições a envolvidos com aparato de repressão, mas é preciso resgatar o que aconteceu na ditadura

Cíntia Leone

Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo, em 1990, José Antonio Dias Toffoli é ministro do Supremo Tribunal Federal desde outubro de 2009 e, em abril, foi eleito presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Entre outras atividades, foi assessor jurídico da liderança do Partido dos Trabalhadores (PT) na Câmara dos Deputados, em Brasília, de 1995 a 2000. Foi advogado do PT nas campanhas presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva em 1998, 2002 e 2006. Exerceu, entre 2003 e 2005, o cargo de subchefe da área de Assuntos Jurídicos da Casa Civil da Presidência da República, durante a gestão de José Dirceu, e foi advogado-geral da União, de 2007 a 2009. No dia 4 de abril, Dias Toffoli ministrou, no Instituto de Artes da **Unesp**, em São Paulo, a palestra "Poder moderador no Brasil; os militares e o Poder Judiciário". Nesta entrevista exclusiva, o ministro reflete sobre os 50 anos do golpe militar de 1964, abordando questões como a Lei da Anistia e a Comissão da Verdade, além de sua lembrança pessoal sobre a história recente do país.

Jornal Unesp: *Ministro, o Brasil vive hoje o processo de instalação da Comissão da Verdade. Como o senhor avalia isso, na perspectiva do direito?*

José Antonio Dias Toffoli: A Comissão da Verdade, como já ocorreu em outros países, busca um resgate histórico. Isso não tem uma implicação, necessariamente, no que diz respeito à investigação processual penal ou à investigação judicial. Há, no Brasil, uma decisão do Supremo Tribunal Federal que reconheceu que a Anistia de 1979 foi pactuada entre os vários setores da sociedade. Eu, inclusive, na época, era advogado-geral da União e proferi parecer sobre isso. Agora, o resgate da história, o resgate devido àquelas pessoas que não sabem o que aconteceu com seus familiares



Retrato de Geraldo Vandré, Elifas Andreato

Cíntia Leone



Toffoli acredita que militares aceitam investigação do período

momento de as Forças Armadas, inclusive, reconhecerem esse erro ocorrido em 1964, quando se alinharam às forças do capital segmentado brasileiro e internacional, e se repactuarem com a nação brasileira. Sem revanchismo, sem necessidade de punições, mas realmente num ato de se reconhecerem os erros da história.

JU: *Qual sua lembrança pessoal desse período da história? Houve algum fato marcante da sua trajetória em relação a isso?*

Dias Toffoli: Quando eu era menino, morava bem em frente a um colégio e ali havia eleições. E me lembro da quantidade de militares do Exército que ficavam em volta do colégio eleitoral. Evidentemente, hoje, nós temos a liberdade de voto e a distância dos militares das urnas e do voto popular. Ou seja, os militares são cumpridores de ordens que o Estado democrático lhes outorga. Mas não devem ser os autores do Estado democrático.

Estado tem que dar satisfação às pessoas sobre o que houve com seus familiares, diz ministro

– se houve desaparecimento, morte, tortura –, isso o Estado tem o dever de investigar. E é muito positivo que as próprias Forças Armadas estejam imbuídas, também, da convicção de se fazer uma investigação sobre esse período da história.

JU: *Caso a Comissão da Verdade, em seu relatório, recomende uma revisão da Lei da Anistia, ou recomende outros procedimentos, como o senhor enxerga essa possibilidade?*

Dias Toffoli: Do ponto de vista processual e sob os aspectos relativos aos tratados internacionais, quando o Brasil subscreveu a Lei da

Anistia, ainda não haviam sido homologados internamente os tratados internacionais que reconheceram como imprescritíveis crimes como os de tortura. De tal sorte que essa imprescritibilidade passou a vigorar no Brasil posteriormente à Lei de Anistia, tanto por parte da homologação dos tratados e do reconhecimento desses tratados pela legislação interna, quanto pela Constituição de 1988, que obviamente é posterior à Lei de Anistia. Ora, é um princípio milenar do direito penal que a lei penal mais grave não retroage. Então, esta é uma situação em que nada impede que se faça um resgate histórico, mas daí a realizar uma investigação sobre

os aspectos penais, há uma grande diferença.

JU: *Pensando na história como um processo de reconstrução constante, o senhor avalia positivamente a possibilidade de o Brasil dar voz às arbitrariedades que foram cometidas durante os anos da ditadura militar?*

Dias Toffoli: Trazer à tona tais acontecimentos é extremamente positivo. As Forças Armadas prestaram grandes serviços na história do país. As Forças Armadas brasileiras ajudaram a romper com o latifúndio no passado, com o Estado oligárquico das elites locais e regionais, por meio da Revolução de 30, das revoltas tenentistas. Este é o

A palestra proferida pelo ministro Dias Toffoli na **Unesp** está disponível em
 Parte 1 <<http://goo.gl/x0vasp>>
 Parte 2 <<http://goo.gl/JFH1NH>>
 Parte 3 <<http://goo.gl/9VykD3>>

Recordar, para construir o futuro

Para marcar os 50 anos do golpe de 1964, Universidade promove eventos em 11 cidades e adota medidas como criação da sua própria Comissão da Verdade

Oscar D'Ambrosio, Cíntia Leone e Daniel Patire

“Quem desconhece o passado, condena-se a repeti-lo.” A célebre frase de Goethe continua atual. Este ano, o golpe militar de 1964, ponto de partida de um regime que por 21 anos cerceou as liberdades democráticas no Brasil, está completando meio século. A data vem sendo marcada por um amplo esforço de recuperação da memória do período, com iniciativas como a criação de Comissões da Verdade, em nível federal e estadual e em inúmeras cidades e instituições do país. Elas estão encarregadas de investigar e divulgar os abusos registrados na ditadura, não só para esclarecer o que aconteceu e garantir justiça às vítimas, como também para evitar que o autoritarismo volte a ameaçar a sociedade brasileira.

Integrada a essa jornada nacional, a **Unesp** adotou duas ações conectadas entre si: a criação de sua própria Comissão da Verdade, destinada a levantar os fatos ocorridos na Universidade relacionados ao regime militar, e o projeto “Tenho algo a dizer”, que visa recolher depoimentos de docentes, ex-docentes, servidores e ex-servidores afetados pelo que se passou naquele momento. (Veja quadro.)

Ao lado dessas medidas, o Centro de Documentação e Memória (Cedem) e o Observatório de Educação em Direitos Humanos (OEDH) da **Unesp** promoveram recentemente uma série de eventos denominada “Golpe Militar: 50 anos – memória, história e direitos humanos”. A proposta envolveu atividades em São Paulo e mais dez cidades paulistas (Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Ilha Solteira, Marília, Presidente Prudente, Registro, Rio Claro e São José do Rio Preto).

Na capital, foram vários debates, iniciados no dia 31 de março e realizados nos dias 2, 3,



Militares enfrentam manifestantes no período autoritário: ditadura ainda afeta vida do país

8 e 9 de abril, na sede do Cedem. Além disso, no dia 4 de abril, José Antonio Dias Toffoli, ministro do Supremo Tribunal Federal, proferiu a palestra “Poder moderador no Brasil; os militares e o Poder Judiciário”, no Instituto de Artes, Câmpus de São Paulo. (Leia entrevista na pág. 3.)

PASSADO, PRESENTE, FUTURO

Da mesa de abertura dos debates na capital participaram a vice-reitora no exercício da Reitoria, Marilza Vieira Cunha Rudge; a pró-reitora de Extensão Universitária, Mariângela Spotti Lopes Fujita; e Angélica Lovatto, que representou Ana Maria Martinez Corrêa, presidente da Comissão da Verdade da **Unesp**.

“O ano de 1964 e os que se seguiram não são apenas experiências passadas. Influenciam nosso presente e nosso futuro”, advertiu a professora Marilza. A pró-reitora Mariângela reforçou a importância de não se esquecer da história: “Recuperar a memória para as novas gerações é o nosso dever”, disse.

Angélica explicou o papel relevante da Comissão da Verdade da Universidade, instituída no dia 18 de março: “Atuaremos nas cidades onde a **Unesp** tem sede e naquelas no seu entorno, o que é uma ação diferenciadora em relação a outras Comissões da Verdade”, esclareceu.

A necessidade de lançar luzes sobre o que aconteceu, a fim de iluminar o futuro, também marcou a mesa-redonda realizada após a abertura. Ela teve a participação de Antônio Celso Ferreira, coordenador do Cedem, e Marco Aurélio Nogueira, diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (Ippri/Unesp), sob a mediação de Clodoaldo Meneguello Cardoso, coordenador do OEDH.

“Temos que lutar por essa recuperação da memória e por evitar que marcas do passado ainda presentes, como violência e autoritarismo, permaneçam na sociedade”, acentuou Cardoso.

De acordo com Nogueira, é fundamental assimilar o que foi o golpe e superar seus efeitos perversos. “O passado

autoritário dialoga com o desafio presente de construir uma sociedade democrática, mesmo que ainda existam traços ditatoriais no Brasil de hoje”, analisou. “É necessária uma reflexão para que nos afastemos das consequências mais grotescas dos chamados anos de chumbo, como exílios, prisões, torturas e mortes, além de resquícios autoritários e violentos presentes em nosso cotidiano.”

Ferreira destacou o papel do Cedem na recuperação da história oral do período autoritário e como local de guarda de uma significativa documentação de organizações que lutaram contra o poder armado. “Para compreender o que ocorreu na **Unesp** nos anos da ditadura, é necessário investigar essa história e seus possíveis desdobramentos”, afirmou. Para a ocasião, o historiador produziu o texto A criação da Unesp e a ditadura militar, que está disponível em: <http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/a-criacao-da-unesp-e-a-ditadura-militar/>

AUTORITARISMO PERSISTE

Os debates tiveram momentos contundentes, como a palestra da psicanalista Maria Rita Kehl, no dia 2. Integrante da Comissão Nacional da Verdade, Maria Rita relatou histórias brutais de violência contra camponeses e indígenas durante o regime militar; acrescentando que o número de mortes de integrantes desses dois grupos em conflitos aumentou após a redemocratização. “No campo e na questão indígena, o autoritarismo ainda é a regra”, afirmou.

Até dezembro, segundo Maria Rita, a Comissão publicará um relatório sobre o que foi levantado do período. O material estará disponível na Internet, em diferentes formatos multimídia, para educadores e estudantes.

IMPRESA DE RESISTÊNCIA

As publicações feitas pelos setores que resistiam ao regime foram o tema das discussões do dia 8 de abril. Um dos palestrantes foi José Luís Del Roio, que militou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fundou com Carlos Marighela a Aliança Libertadora Nacional (ALN). Refugiou-se inicialmente no Chile, de onde precisou fugir após o golpe liderado por Augusto Pinochet, em 1973. Foi para a Argélia e lá participou da imprensa de resistência. Fixou-se depois na Itália, onde criaria o *Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano* (Asmob) e também se elegeu senador, em 2006.

Segundo Del Roio, a imprensa produzida pelos exilados tinha duas características: parte dos jornais era feita para a comunidade brasileira no estrangeiro e outra buscava sensibilizar a opinião pública dos países europeus sobre a violência política no Brasil. “Havia perto de 90 títulos de jornais como esses feitos no exterior”, contou.

O acervo do Asmob, que inclui periódicos desse período, cartazes e materiais do PCB, está hoje sob os

Cynthia Leone



No sentido horário: Maria Rita discutiu violência contra índios e trabalhadores rurais; Cardoso alertou sobre risco da permanência do autoritarismo; Ferreira analisou trajetória da **Unesp** no período militar; Nogueira insistiu na necessidade de se superar efeitos do golpe; e Del Roio examinou imprensa produzida por exilados

Daniel Patire



Daniel Patire



Daniel Patire



Cynthia Leone



Reflexos da ditadura na Unesp

Para discutir os impactos do governo autoritário nas universidades, foi realizada no dia 2 de abril a mesa-redonda “Tenho algo a dizer: memórias da Unesp na ditadura (1964 a 1985)”. O encontro teve dois debatedores: Antônio Celso Ferreira e Solange de Souza, respectivamente, coordenador e historiadora do Cedem. O debate foi coordenado por Clodoaldo Meneguello Cardoso, coordenador do OEDH. De acordo com Ferreira, a comunidade que se incorporou à **Unesp** após sua criação, em 1976, passou por dois períodos de resistência: “Em um primeiro momento”, contou o professor, “tivemos a perseguição a professores, estudantes e funcionários dos institutos isolados, que viriam a formar a Universidade posteriormente.” Numa segunda etapa, a comunidade unespiana

se posicionou contra o formato administrativo e o modelo institucional que se estabeleceria na Universidade, com o enfraquecimento dos cursos de Humanidades e a ênfase na inserção dos formados no mercado de trabalho como mão de obra industrial. “A união dos institutos isolados era também pensada por essa comunidade, mas eles eram contra o viés tecnocrático em que seria criada a **Unesp**”, ressaltou. Ferreira acentuou que o projeto “Tenho algo a dizer” foi constituído para reconstruir a história do período da ditadura militar relacionada à **Unesp**. Dessa maneira, a iniciativa também envolve a própria história da Universidade. O Cedem vai realizar mais entrevistas para o projeto e também para auxiliar a Comissão da Verdade da **Unesp**. De acordo com Solange,

o processo de coleta de depoimentos por meio de entrevistas gravadas e transcritas, além da consulta de documentos da época, é feito pelo centro desde seu início, em 1986. “A memória é um trabalho do presente, que precisa ser feito para entender o passado e se construir a identidade da instituição”, disse Solange. Nessas gravações, por exemplo, os entrevistados relatam a presença de “dedos-duros”, para delatar membros da academia, além de casos de professores e servidores demitidos, e estudantes presos. Durante o evento, o economista Alcides Ribeiro Soares falou sobre as torturas que sofreu em 1964. Soares foi aprovado para o cargo de professor assistente no Câmpus de Presidente Prudente, em 1977, mas seu nome foi excluído pelo então reitor, Luiz Ferreira Martins. A Comissão da Anistia julgou esse fato como perseguição política.

A importância de se preservar a memória

O ciclo de debates em São Paulo encerrou-se no dia 9 de abril, com uma mesa-redonda sobre as políticas de preservação de diversas organizações em relação à memória do período ditatorial. Participaram representantes da Fundação Maurício Grabois, Cedec/PUC-SP, Cedoc/CUT, Centro Sérgio Buarque de Holanda: Documentação e Memória Política (CSBH)/PT e Projeto Memórias Reveladas, implantado no Arquivo Nacional. A coordenação da atividade coube ao Cedem e à Fundação Perseu Abramo. Ligada ao partido Comunista do Brasil (PC do B), a Fundação Maurício Grabois montou o Centro de Documentação e Memória (CDM). Como grande parte do acervo sobre a história do partido foi confiscado pela ditadura, o CDM realizou

um esforço de história oral, promovendo quase 100 entrevistas nos últimos 5 anos. Criado em 1980, o Cedec se estruturou como centro de documentação da PUC-SP, para dar suporte à pesquisa acadêmica, às atividades de ensino e de extensão. Um objetivo essencial do centro é recuperar materiais produzidos pelos movimentos sociais de resistência à ditadura. O Centro de Documentação e Memória Sindical da Central Única dos Trabalhadores (Cedoc CUT) nasceu em 1999 visando à recuperação, organização e preservação da documentação produzida, recebida e guardada pela CUT e suas entidades ao longo de sua história. Ligada ao Partido dos Trabalhadores (PT), a Fundação Perseu Abramo criou em 2001 o Centro

Sérgio Buarque de Holanda: Documentação e Memória Política (CSBH), voltado para preservar e difundir a história do PT e da esquerda em geral. Foram levantadas 1.200 obras sobre o partido e há todo um esforço para catalogar, higienizar e disponibilizar o material que já existe. Sobre o Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil, denominado Memórias Reveladas, Vicente Rodrigues, assistente da direção-geral do projeto, informou que ele foi institucionalizado pela Casa Civil da Presidência da República e implantado no Arquivo Nacional com a finalidade de reunir informações sobre a história política do País, entre as décadas de 1960 e 1980.

APROFUNDAR A DEMOCRACIA

O professor Cardoso resalta a importância da promoção, pela **Unesp**, da série de debates sobre os governos militares, na capital e em outras dez cidades. “Pela primeira vez, houve um evento articulado em vários câmpus com a preocupação de discutir a questão dos direitos humanos”, enfatiza. “Isso estimula uma aproximação entre as unidades na reflexão sobre essa temática, o que também vai auxiliar os trabalhos da Comissão da Verdade na **Unesp**.”

Para o coordenador do OEDH, o Brasil vive um momento preocupante, de crescimento da violência, aliada a uma acentuada desigualdade social. “A Universidade tem um papel fundamental na construção de uma cultura democrática, que vença a descrença das gerações mais jovens e aponte para a consolidação de uma democracia participativa, com igualdade no acesso aos bens que dão dignidade ao ser humano.”

cuidados do Cedem. Esse material garantiu a realização de pesquisas como a do historiador Flamarión Maués, que resultou na obra *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil*.

Em sua palestra, Maués falou sobre o mercado editorial alternativo no período militar. “Havia uma ação editorial comercial aliada a uma edição mais política”, detalhou. “Algumas dessas editoras foram muito bem-sucedidas na questão empresarial e são uma presença forte no mercado até hoje.”

Já o jornalista Ricardo Carvalho, autor da biografia *O cardeal da resistência – as vidas de dom Paulo*, de 2013, discorreu sobre a imprensa militante no país. Ele citou o caso do *Jornal Binômio*, de 1961, que teve na capa da primeira edição o aviso: “Não aceitamos publicidade de governos, bancos, companhias de água, luz, telefone, petróleo ou qualquer outra empresa que acredite que pelo poder econômico que exerce pode controlar a imprensa”.

Cynthia Leone



Plateia de um dos debates: público participou de discussões

Para saber mais sobre os outros eventos organizados pela Universidade sobre os 50 anos do Golpe Militar, veja: <<http://goo.gl/vbBI9a>>.

Sobre Comissão da Verdade da Unesp, ouça o podcast [Especial - 50 anos do Golpe de 1964] Manter a memória dos episódios ocorridos durante a ditadura pode evitar que a história se repita, comenta cientista política da **Unesp** <<http://goo.gl/4VJuvN>>.

Física ao alcance do aluno

Sétima edição do Masterclass apresenta temas da área para estudantes do ensino médio

Bruna Kalaes

Um evento para estimular o pensamento científico e desmistificar a Física, tão temida pelos estudantes. Assim foi a sétima edição do Masterclass, que aconteceu nos dias 27 e 28 de março, no Instituto de Física Teórica (IFT) do Câmpus da Unesp de São Paulo, organizada pelo São Paulo Research and Analysis Center (Sprace). Participaram do encontro 23 escolas de ensino médio, com mais de 200 alunos, cerca de 45 professores de Física e estudantes de licenciatura em Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Sérgio Novaes, professor do IFT e membro da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (Cern), deu início às atividades com palestra sobre as noções teóricas da Física de Altas Energias. Para Pedro Henrique Matos Castilho, aluno da Escola Professor Walter Ribas de Andrade, de Cajamar (SP), a apresentação serviu como um estímulo: "Achei o professor muito comunicativo e a aula foi bem



Pesquisadores do Cern, na Suíça (no alto), esclareceram dúvidas de alunos em São Paulo

diferente das escolas normais, prendeu bastante a atenção", disse.

Da teoria à prática: os alunos passaram em seguida por um circuito organizado pelo grupo Arte e Ciência no Parque, vinculado ao Instituto de Física da USP. As atividades envolveram Óptica, Matemática, câmera de nuvens e o game Sprace. Os jovens também fizeram uma visita ao GridUnesp, o cluster computacional da Universidade. "Muitas vezes a escola tem um método muito



tradicional de ensino, de giz e lousa, muito distante do aluno", afirmou Mikyia Muramatsu, professor aposentado e um dos fundadores do projeto. "Nosso ponto de partida é mexer com os equipamentos, pois a partir daí o jovem começa a questionar 'Eu queria entender isso um pouco melhor'."

Graziela Alvarenga, professora na Escola Ministro Costa Manso, de São Paulo, planeja utilizar na sala de aula conhecimentos adquiridos no Masterclass. "Meus

alunos saem daqui conhecendo muito mais de Física", ressaltou.

FÍSICOS POR UM DIA

Os jovens foram também divididos em duplas para analisar os dados experimentais do Grande Colisor de Hádrons (LHC) do Cern. Pode parecer complexo, mas, ao menos para a estudante Giovana Góis foi esclarecedor: "Eu tinha muita dificuldade com as teorias. Agora, ficou mais fácil", comemorou.

Em seguida, alunos e

professores se reuniram no anfiteatro para discutir e consolidar os resultados que seriam apresentados em videoconferência com uma equipe do Cern e participantes de Itália, Suíça, Croácia e Áustria. Após as explicações, os grupos trocaram dúvidas e experiências. Para encerrar o evento, um quiz avaliou o que os alunos aprenderam.

Para Sandra Padula, professora do IFT e uma das coordenadoras do encontro, o Masterclass é uma pequena amostra do trabalho diário de um físico: "Você vai analisar, tentar interpretar os resultados e depois complementar em discussões com os outros físicos", explicou.

Leia, na pág. 13, reportagem sobre Felipe Massuia, aluno do ensino médio que já é bolsista de iniciação científica no IFT e fez uma apresentação durante o Masterclass.

Pegadas do início do universo

Telescópio revela indícios da rápida expansão do cosmos logo após seu surgimento

Ricardo Schinaider de Aguiar

O que aconteceu nos primeiros momentos após o surgimento do universo é uma das grandes questões ainda não respondidas pela ciência. No dia 17 de março, medidas divulgadas pelo telescópio Bicep2 (Background Imaging of Cosmic Extragalactic Polarization) talvez tenham a resposta para essa pergunta. Os resultados, se confirmados, provariam que o universo teria passado por um processo de expansão que, em uma fração de segundo, teria multiplicado seu volume por 1080 – se um átomo ficasse do tamanho da nossa galáxia, a multiplicação de seu volume seria cerca de 1031. Essa expansão, chamada de inflação cósmica, teria deixado vestígios, as ondas gravitacionais, agora detectadas.

Ondas gravitacionais são geradas por deslocamentos de matéria e se propagam no

espaço, assim como um barco em movimento produz ondas na água. Entretanto, elas são muito fracas e praticamente indetectáveis por métodos diretos. O Bicep2 analisou a radiação cósmica de fundo – luz de quando o universo tinha, aproximadamente, 380 mil anos – e observou padrões diferentes do esperado. Essas variações seriam as marcas, as pegadas, deixadas por ondas gravitacionais criadas a partir da expansão do universo.

"Ainda não sabemos o que gerou essa expansão inflacionária, mas os resultados do Bicep2 indicam que ela realmente aconteceu", diz Rogério Rosenfeld, físico do Instituto de Física Teórica, Câmpus da Unesp de São Paulo, e vice-diretor do ICTP-SAIIR. "Com isso, várias teorias sobre o início do universo seriam descartadas, incluindo o modelo de Starobinski – um dos mais bem aceitos atualmente, mas que



Na Antártida, o Bicep2 detectou sinais da inflação cósmica

previa padrões diferentes dos detectados pelo Bicep2."

Saeed Mirshekari, pós-doutorando do ICTP-SAIIR e membro da Colaboração Científica Ligo (Laser Interferometer Gravitational-Wave Observatory, dos Estados Unidos), pesquisa

ondas gravitacionais – não aquelas criadas no início do universo, mas sim as geradas por fontes como, por exemplo, os buracos negros. "Com ondas gravitacionais, podemos testar a Teoria da Gravidade em situações extremas", diz ele. Proposta por Einstein, a teoria

se mostrou válida em todos os testes já feitos, porém ainda não foi posta à prova em situações onde a matéria é muito densa e a gravidade muito forte, como em buracos negros.

Segundo Mirshekari, as ondas gravitacionais podem abrir novas possibilidades para estudar o universo – como alternativa ao uso de ondas de luz, rádio, raios X ou raios gama. "Elas nos ajudariam a obter boas aproximações dos valores de massa, velocidade de rotação, localização e distância de estrelas de nêutrons e buracos negros", exemplifica.

A descoberta anunciada pelo Bicep2 ainda precisa ter seus resultados testados e corroborados pela comunidade científica. "É possível que algum erro sistemático tenha sido cometido", diz Rosenfeld. "Provavelmente até o final do ano teremos a confirmação, ou não, dos resultados do Bicep2."

Fotos Bruna Kalaes

Riscos de um herbicida

Estudo realizado com lambaris demonstra que substâncias geradas pela degradação do produto no ambiente mantêm potencial para contaminar seres vivos

O Diuron é um herbicida utilizado em culturas como cana-de-açúcar, café e frutas cítricas. Apenas em 2011, quase 10 mil toneladas desse composto foram consumidas no Brasil. Os defensores de sua aplicação alegam que os efeitos tóxicos do produto na água e em seres vivos seriam pouco significativos após sua degradação no ambiente. Um estudo realizado no Câmpus da **Unesp** de São José do Rio Preto, porém, contesta esse argumento.

Apresentada em fevereiro, a dissertação de mestrado de Ana Letícia Madeira Sanches avaliou os efeitos dos metabólitos do praguicida, ou seja, das substâncias decorrentes de sua degradação, em organismos não-alvo – aqueles que não são o alvo principal de um dado produto –, como os lambaris (*Astyanax sp.*). Sob a orientação do professor Eduardo Alves de Almeida, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilice), o trabalho analisou três metabólitos: o 3-(3,4-diclorofenil)-3-metilureia (DCPMU), o 3,4-diclorofenilureia (DCPU) e o 3,4-dicloroanilina (DCA).



Divulgação

Experimento verificou mudanças no mecanismo de eliminação de substâncias tóxicas dos peixes

Os peixes testados foram divididos em 18 grupos, que variavam de acordo com a concentração das substâncias e o período de exposição a elas. A pesquisa envolveu dois ensaios. O primeiro, que se voltou para a toxicidade dessas substâncias, expôs os lambaris a altas concentrações dos compostos, por 96 horas.

Nesse caso, o Diuron e o metabólito DCA apresentaram graus de letalidade semelhantes: “Concentrações muito próximas desses dois contaminantes foram capazes de matar 50% dos animais testados”, explica

Ana Letícia. “Os outros dois metabólitos, o DCPMU e o DCPMU, apresentaram menos da metade da toxicidade que o Diuron e o DCA demonstraram”, complementa o professor Almeida.

No segundo ensaio, foram avaliadas as alterações no metabolismo dos peixes, que em períodos de 2 a 7 dias foram expostos a concentrações próximas às encontradas no ambiente. O estudo levou em conta parâmetros genotóxicos e bioquímicos. A genotoxicidade avalia o grau de lesão que um produto pode causar no DNA de um ser vivo. A análise

bioquímica envolve reações catalisadas por enzimas que são responsáveis por transformar substâncias tóxicas em compostos mais solúveis, facilitando sua eliminação pelo organismo.

Na avaliação bioquímica, Ana Letícia observou as alterações nos sistemas enzimáticos relacionados ao metabolismo de biotransformação e de defesa antioxidante dos peixes. Essa análise se concentrou nas brânquias e no fígado dos animais: as brânquias são o primeiro órgão interno do peixe que tem contato com a água e,

por isso, pode absorver de forma mais significativa substâncias poluentes, enquanto o fígado é o principal órgão responsável pela metabolização de produtos tóxicos.

Com a análise das atividades das enzimas nos tecidos dos peixes expostos ao Diuron e aos metabólitos, o estudo mostrou que as substâncias decorrentes da degradação do herbicida provocaram mais alterações no mecanismo de detoxificação, ou seja, de eliminação das substâncias tóxicas dos organismos – sendo, portanto, ainda mais prejudiciais aos mecanismos de defesa dos lambaris contra esses poluentes.

Em relação à genotoxicidade, os testes constataram que a exposição tanto ao Diuron quanto aos três metabólitos – inclusive o DCPMU e o DCPMU, que foram menos tóxicos nos testes de letalidade – provocou lesões no DNA dos peixes. “Nossa pesquisa demonstrou que os três metabólitos gerados a partir da degradação do Diuron no ambiente causam efeitos deletérios nos organismos testados”, conclui Ana Letícia.

Atenção ao sumiço das abelhas

Grupo colabora com o Ibama e a FAO para entender redução das populações desses insetos e subsidiar ações para combater o fenômeno

Um fenômeno muito preocupante está ocorrendo no mundo inteiro: a redução acentuada da população de abelhas. Esse processo afeta diretamente os seres humanos, já que, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU), esses insetos são responsáveis por 70% da polinização dos vegetais consumidos atualmente. Um dos grandes vilões dessa diminuição é a utilização de defensivos agrícolas nas atividades agrícolas.

No Brasil, algumas das mais importantes investigações

sobre o problema vêm sendo produzidas pelo Grupo de Ecotoxicologia de Abelhas, que tem como seu coordenador Osmar Malaspina, também integrante do Centro de Estudos de Insetos Sociais (Cies), da Unesp de Rio Claro.

O pesquisador assinala que a equipe tem coletado informações consistentes, que subsidiaram decisões do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). “Os dados comprovam que o uso de defensivos agrícolas reduz ou até elimina a presença de colmeias na área onde eles são utilizados”,



Reprodução

Inseticidas afetam abelhas

afirma. Malaspina ressalta que, baseado nos dados que tem recebido do meio científico, o órgão federal suspendeu, em 2012, as aplicações no país dos neonicotinoides – importante classe de inseticidas usada na

prevenção, controle e tratamento de pestes da agricultura – e está reavaliando sua aplicação nas lavouras do país.

A equipe também tem colaborado com a FAO/ONU na construção da Iniciativa Internacional para a Conservação e Uso Sustentável de Polinizadores. “Estamos nos consolidando como uma referência nacional e internacional na ecotoxicologia de abelhas”, assegura o especialista.

Além de Malaspina, o grupo tem entre seus principais pesquisadores duas professoras da Universidade Federal de

São Carlos (UFSCar) – Roberta Cornélio Ferreira Nocelli, do Câmpus de Araras, e Elaine Cristina da Silva Zaccarin, do Câmpus de Sorocaba –, além de Estephan Malfitano de Oliveira, da Universidade Federal de Uberlândia. As atividades envolvem também cerca de 30 alunos de graduação e pós-graduação dessas instituições.

Mais informações sobre o grupo podem ser obtidas com o professor Malaspina no tel. (19) 3526-4169 ou pelo e-mail <malaspin@rc.unesp.br>.

PARA REVOLUCIONAR A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Necessidade do diálogo entre o ensino nas universidades e a prática profissional nas escolas de educação básica foi a ênfase de congressos que atraíram participantes de todo o país

Daniel Patire

Valorizar o saber prático da profissão docente, tanto na formação dos estudantes universitários quanto na promoção de pesquisas na área educacional. Com essa proposta, foram realizados, entre os dias 7 e 9 de abril, em Águas de Lindoia (SP), o II Congresso Nacional de Formação de Professores e o XII Congresso Estadual Paulista de Formação de Educadores. Promovidos pela Pró-reitoria de Graduação (Prograd) da **Unesp**, os eventos reuniram 1.580 participantes de 27 Estados brasileiros.

O pró-reitor de Graduação Laurence Duarte Colvara enfatizou que a educação se tornou um ponto central nas discussões sobre o desenvolvimento dos países. “A boa formação de professores se torna essencial nessa tarefa de melhorar a educação brasileira”, disse. “E os congressos visam debater, estimular e propor reformas – mais ainda, revoluções – nos cursos de licenciatura do Brasil.”

As duas reuniões tiveram um tema único: “Por uma revolução no campo da formação de professores”, inspirado nas ideias que o ex-reitor da Universidade de Lisboa, António Nóvoa, apresentou no encerramento das edições anteriores desses encontros, ocorridas nos dias 15 a 17 de agosto de 2011. (Veja quadro.) Os eventos de 2014 tiveram quatro eixos: presença da profissão na formação de professores; valorização do conhecimento docente; reestruturação dos espaços de formação; e construção de um espaço público de formação. As discussões se deram em palestras e mesas-redondas com especialistas de Brasil, França, Espanha, Argentina e Uruguai.

Este ano, a participação nos congressos cresceu 43%, em relação às edições de 2011, quando estiveram presentes 1.100 pessoas. Já o número de trabalhos apresentados de forma oral ou em painéis teve um aumento de



Colvara: eventos precisam pensar transformações na educação



Muñoz vê professor como gerador de conhecimento pedagógico

51,7%, passando dos 680 de dois anos atrás para os 1.032 de agora. Entre os participantes, havia 247 estudantes de graduação, 557 de pós-graduação, 225 professores das redes públicas municipais e estadual de São Paulo, e 551 professores e pesquisadores universitários.

INTEGRAÇÃO SOCIAL

De acordo com Denise Vaillant, da Universidade ORT do Uruguai, pesquisas em nações ibero-americanas demonstram que os professores, além de ensinar, também atuam como assistentes sociais e psicólogos, além do seu papel afetivo. Apesar dessa função complexa, há uma desvalorização social da profissão. “Em nossos países, tão distantes das condições ideais para a educação, devemos pensar a formação docente como uma construção, isto é, um processo de profissionalização”, explicou. “E a construção de uma profissionalização começa com uma formação adequada.”

Tal formação precisa se dar, segundo a professora Bernadete Angelina Gatti, da Fundação Carlos Chagas, num contexto social contemporâneo, marcado



Ensino deve se nortear pela justiça social, segundo Bernadete



França valoriza docente com experiência, de acordo com Flávia

por rápida transmissão da informação, individualismo, consumismo, competitividade, multiculturalismo e diversidade sexual, acompanhados de uma dispersão dos valores morais e éticos.

Nesse cenário, é necessária a construção de uma escola onde os alunos do ensino básico aprendem e se educam para a vida como cidadãos. Assim, os docentes precisam ser formados em um ambiente de integração entre valores, conhecimento da Ciência da Educação e prática profissional. “Com a urgência do novo paradigma da educação como justiça social, a docência se torna mais complexa”, salientou Bernadete. “E a escola torna-se um palco privilegiado tanto para a formação quanto para o exercício da docência”.



Fracasso escolar da América Latina foi analisado por Tedesco



Para Leda, falta conexão entre os vários níveis de governo

ENSINO DO PROFESSOR

No Brasil, os saberes práticos e o ambiente escolar foram afastados do processo de formação dos graduandos a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, que estabeleceu a obrigatoriedade da qualificação universitária dos docentes do ensino básico. Em uma pesquisa feita com 4.633 egressos dos cursos de Licenciatura da USP, entre 2005 e 2008, 65% dos entrevistados apontam o distanciamento dos cursos de graduação em relação à realidade escolar.

Para uma das autoras do estudo, Maria Izabel de Almeida, professora da Faculdade de Educação, da USP, a formação universitária está muito distante da realidade das escolas, e os saberes da experiência

profissional não são valorizados nos espaços acadêmicos. Isso poderia ser revertido com o estágio obrigatório, em que a presença do professor da escola de educação básica deveria ter um papel de mais destaque na preparação do futuro profissional. “No entanto, o estágio não cumpre sua função pelo próprio lugar secundário em que foi colocado nos currículos das licenciaturas”, critica Maria Izabel.

A professora de Química do ensino médio da rede pública estadual Eliana Alves Arxer confirma esse diagnóstico. Formada no curso de Licenciatura em Química pelo Instituto de Química, Câmpus de Araraquara, ela conta que em sua formação sentiu falta de um contato mais direto com a realidade da escola pública e da prática da docência.

Hoje, Eliana atua como professora supervisora do projeto interdisciplinar promovido pela Faculdade de Ciências e Letras do mesmo câmpus, relacionado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). “A revolução na formação se dará levando o estudante universitário para dentro da escola”, sentenciou. “E essa é a grande vantagem do Pibid, que leva o estudante com apoio para essa realidade.” (Para saber mais sobre o Pibid na **Unesp**, leia a reportagem “Melhor formação para quem ensina”, na edição de abril do **Jornal Unesp**).

Presente aos dois congressos, Eliana enfatizou que eles promovem uma formação continuada dos professores. Segundo a docente, esses eventos geram trocas de experiências que permitem aos participantes conhecer soluções diferentes para problemas comuns de aprendizagem e de comportamento dos alunos da rede.

UNIVERSIDADE E ESCOLA

A formação universitária obrigatória dos professores é um processo mundial, que se explica pela necessidade de um maior conhecimento científico e da produção de pesquisa entre esses

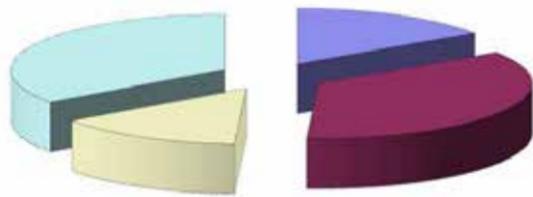


Congressos reuniram 1.580 participantes de 27 Estados

Fotos Daniel Patire

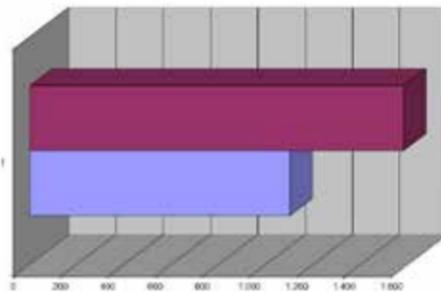
A participação nos Congressos

INSCRITOS POR CATEGORIA PROFISSIONAL



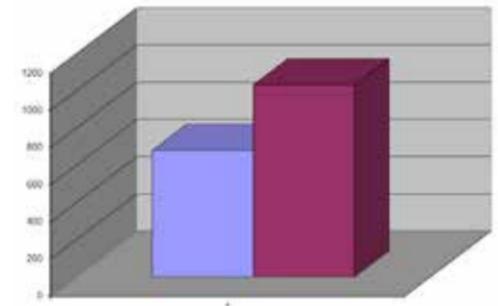
Categoria Profissional		
	Estudantes de Graduação	247
	Estudantes de Pós-Graduação	557
	Professores da Educação Básica	225
	Professores universitários e pesquisadores	551

CRESCIMENTO DE PARTICIPANTES*



ano	participantes
2011	1100
2014	1580

TRABALHOS APRESENTADOS*



ano	trabalhos
2011	680
2014	1032

(*) Os gráficos comparam os números de 2011 e 2014, anos em que foram realizadas as duas edições do Congresso Nacional de Formação de Professores

Fotos Daniel Patire



Licenciaturas estão distantes da prática, segundo Maria Izabel

profissionais, de acordo com Max Butlen, da Universidade de Cergy-Pontoise, da França. Nesse país, a formação de professores passa por uma reestruturação por conta das exigências do Pacto de Bolonha, que em 2010 obrigou todos os integrantes da União Europeia a reformularem seus sistemas universitários.

Para ser professor na Europa, agora, é necessário fazer mestrado. Contudo, o sistema francês mantém a figura do mestre de aplicação, um professor com anos de experiência no ensino de crianças e jovens e que passa por um curso de formação continuada, atuando nos cursos de formação inicial da profissão.

“Esses mestres têm grande prestígio social, além de alcançarem uma ascensão na carreira”, lembrou Flávia Sartis, do Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro. “Essa estrutura permite que os próprios profissionais interfiram na formação das novas gerações, valorizando o seu saber.”

ESPAÇO DE FORMAÇÃO

A professora Marli André, da PUC-SP, analisou três programas que buscam diminuir a distância entre a universidade e a escola, ou seja, entre os espaços de formação e de exercício da profissão. Por meio de entrevistas, grupos de discussão e análises documentais, ela e Bernadete analisaram o Pibid, que é um programa da esfera federal; o Bolsa Alfabetização, do governo paulista, voltado para alunos de Pedagogia; e o Bolsa



Marli apontou planos que aproximam universidade da rede escolar

Formação-Aluno-Aprendizagem, da Secretaria da Educação de Jundiaí (SP).

Nos três casos, a aproximação desses espaços possibilitou a concepção de formação docente centrada na escola e no trabalho compartilhado de professores da universidade, professores da escola e estudantes universitários. E, como frutos dessa colaboração, surgem novos métodos de ensino-aprendizagem. “Mas fica uma pergunta: os professores das escolas recebem uma formação adequada para serem coformadores?”, indagou Marli.

A prática do ensino e os saberes pedagógicos devem ser mais valorizados no próprio sistema universitário, de acordo com Maria Isabel da Cunha, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), do Rio Grande do Sul. “Nos cursos de licenciatura, muitos dos professores não têm uma formação específica para a docência”, advertiu. “As universidades precisam assumir suas responsabilidades e exigir dos seus docentes esses saberes.”

GOVERNOS INTEGRADOS

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Leda Scheibe defendeu a conexão entre os diversos níveis de governo, para garantir avanços na educação básica. De acordo com ela, o censo educacional de 2012 apontou que o Brasil possui cerca de 2 milhões de professores na Educação Básica. Desses, 80%



Butlen: formação por cursos superiores é exigência mundial

têm a formação em nível superior.

Para Leda, o censo demonstra que cada Estado e cada município configura seu próprio sistema de ensino, admitindo professores concursados e não concursados, titulados e sem titulação adequada, professores urbanos e rurais, docentes vinculados às redes pública e particular de ensino.

E essa diversidade envolve também uma grande diferença entre os planos de carreira, com salários diferenciados; duplicação de jornada em carreiras diferentes – estadual/municipal; pública/privada. Na opinião da especialista, a valorização do profissional passa pelo reconhecimento social e exige uma maior integração entre União, Estados, Distrito Federal e municípios, na definição e execução das políticas educacionais.

TRABALHO CONJUNTO

Os debates também apontaram a necessidade de maior integração entre os professores universitários e os estudantes de graduação, para garantir uma melhor formação dos futuros profissionais de ensino. “Partindo das necessidades reais das escolas, devemos tentar resolver problemas trabalhando juntos”, disse Francisco Imbernón Muñoz, da Universidade de Barcelona, da Espanha.

Para Muñoz, é possível superar as dificuldades e valorizar as experiências, por meio de um esforço coletivo e uma visão complexa, em que as relações entre profissionais da educação e seus alunos são o foco de questionamento e reflexão. “Lutamos pela autonomia e profissionalização, ou seja, encarando o professor como sujeito capaz de gerar conhecimento pedagógico”, reforçou.

Nas discussões sobre a quarta dimensão que deve revolucionar a formação dos professores – ou seja, a construção de um espaço público de formação –, o argentino Juan Carlos Tedesco, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e Celestino Alves da Silva Júnior, da Faculdade de Filosofia e

Ciências, Câmpus de Marília, fizeram um chamamento para que os profissionais da educação se comprometam com a qualidade do aprendizado de seus estudantes, nos diferentes níveis.

Tedesco destacou que a América Latina é o lugar no mundo com os maiores índices de fracasso escolar, pois as crianças ficam muitos anos na escola e não aprendem. “Devemos ser criativos nas escolas para romper com esse determinismo, rumo à justiça social.”

“Nós queremos a revolução no campo da formação de professores. Só não sabemos quem dará início a ela”, provocou Silva Júnior. Segundo o educador, a revolução deve se iniciar na atuação profissional docente, que é a referência necessária para a formação de novos professores. “Assim, não podemos aceitar as condições de trabalho oferecidas aos professores brasileiros, já que elas são em si determinantes também da formação das próprias gerações”, concluiu.

Para saber mais sobre as atividades do congresso, acesse: <http://goo.gl/bNyUiQ>.

Propostas de Nóvoa

O tema “Por uma revolução no campo da formação de professores”, que norteou o II Congresso Nacional de Formação de Professores e o XII Congresso Estadual Paulista de Formação de Educadores, baseou-se nas ideias do psicólogo e doutor em Ciência da Educação Antônio Nóvoa. Na palestra de encerramento dos congressos de 2011 (Veja *Jornal Unesp* nº 271, págs. 8 e 9), Nóvoa propôs

uma “revolução” na formação dos estudantes dos cursos de licenciatura, como forma de responder às demandas da sociedade moderna e da própria necessidade de profissionalização da carreira. Ele defende uma ruptura com o modelo vigente de formação de professores, que cria uma dicotomia entre o espaço de formação e o local da prática profissional. Nóvoa sugere a criação de um espaço

acadêmico que associe a prática profissional e os estudos. Ele exemplifica com o caso dos hospitais universitários, onde o aluno atende aos doentes supervisionado pelos professores. Mas a criação desse novo espaço organizacional não resolverá os problemas das escolas, nem da própria profissão, se não houver um novo pacto social, e um esclarecimento sobre o papel da educação.

Serviço social em pauta

Sétima edição de congresso nacional reúne profissionais, pesquisadores e estudantes para debater temas como formação e atuação na área de saúde

Laís Semis

O Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde (Conasss) é uma realização conjunta de Unesp, USP e Unicamp que recebe bianualmente profissionais, pesquisadores e estudantes de todo o país para debater temas relacionados às demandas da sociedade contemporânea na área.

Um dos mais importantes eventos científicos do setor, o congresso, em sua sétima edição, aconteceu de 9 a 11 de abril, no Parque Tecnológico de São José dos Campos (SP), com o objetivo de contribuir com a formação e atuação dos profissionais.

“Para quem não está envolvido com alguma atividade acadêmica, esses espaços são locais em que você consegue ter uma aproximação e interlocução com o conhecimento teórico”, expõe Susana Tannous, que esteve presente ao encontro. Ao todo, a edição 2014 do evento teve 9 minicursos, 3 conferências, 5 mesas-redondas, 10 mesas coordenadas e 8 títulos



Mesa de abertura e público: análise do que ocorre no setor

lançados, além da apresentação de trabalhos orais e pôsteres.

“O Conasss surgiu de uma ideia, de um sonho de assistentes sociais das

universidades que estão dentro de unidades médicas, que tinham um olhar para a saúde além do adoecimento, pensando numa forma de

consolidar um grupo forte e levar a universidade para a comunidade, por meio de um intercâmbio”, relembra Maria Odete Simão, pesquisadora da Faculdade de Medicina, Câmpus da Unesp de Botucatu, e presidente do Conasss 2014.

A união das universidades fez com que a pauta do serviço social em saúde ganhasse força e avançasse sobre o campo acadêmico. “A Unicamp, a USP e a Unesp são instituições irmãs e essa parceria é essencial para fortalecer seja o projeto de universidade estadual paulista, seja a construção de cada uma em sua unidade”, enfatiza José Reinaldo Braga, docente da Unicamp.

Fortalecendo o serviço social, as instituições presentes formam uma rede de apoio entre assistentes sociais, que coletivamente conseguem encaminhar casos, pacientes e trocar informações por todo o país a partir dos contatos consolidados.

Sob a temática “As

repercussões da crise do capital nas políticas de saúde e as ações do serviço social na efetivação dos direitos”, as atividades desenvolvidas ao longo de três dias debateram a dimensão técnico-operativa da profissão, políticas de assistência social e saúde, capitalismo contemporâneo, desafios para a educação e formação profissional do serviço social e questões sociojurídicas.

Maria Lúcia Martinelli, docente da PUC-SP e referência na área, explica que o congresso sempre traz um painel das principais ocorrências e produções nesse campo, que influencia o exercício profissional dos participantes. “Eles voltam renovados, instrumentalizados com novas teorias, novos olhares para sua realidade”, conclui.

O congresso se encerrou com uma novidade: agora, passa a se realizar a cada três anos, e a próxima edição, em 2017, acontecerá na Unicamp, em Campinas.

Equipe se destaca em evento

Membros da Pró-reitoria de Administração fazem apresentações e lançam livro durante Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho

Os integrantes da Coordenadoria de Saúde e Segurança do Trabalhador e Sustentabilidade Ambiental da Pró-reitoria de Administração (COSTSA/ PRAd) da Unesp tiveram uma atuação destacada no VI Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho (CBPOT), que ocorreu na cidade de Bonito (MS), de 8 a 11 de abril.

Na mesa-redonda institucional do encontro, membros da equipe abordaram a temática “Resgate das potencialidades e ressignificação com o trabalho na readaptação profissional: um desafio transdisciplinar”.

Em outra mesa-redonda, a

temática da apresentação foi “Reflexões sobre qualidade de vida no trabalho: balanço crítico das práticas hegemônicas e relatos de intervenção no setor público”, compartilhada com o professor Mário Ferreira, da UnB. Esse encontro estimulou o intercâmbio das instituições sobre uma questão de extrema relevância.

Na modalidade Relatos de Experiências, foram apresentados trabalhos sob coordenação da docente Maria Luiza G. Schmidt, da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis: “Políticas públicas e organizacionais” e “A gestão da saúde do trabalhador da Universidade Estadual Paulista

(Unesp): estruturação, ações e resultados”, este último sobre a temática da COSTSA.

Em parceria com a Seção Técnica de Saúde do Câmpus de Botucatu, foi apresentado o trabalho “Ações da psicologia no âmbito da readaptação profissional: resgate dos valores pessoais e profissionais entre trabalhadores em processo de readaptação”, na modalidade pôster.

Houve ainda o lançamento do livro da COSTSA/PRAd, *Readaptação profissional: da teoria à prática*, organizado pelas docentes Maria Luiza Gava Schmidt e Maria Candida Soares Del-Masso, docente da Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília.



Grupo também trocou experiências com outros profissionais

A equipe também assistiu e participou de debates sobre vários temas de psicologia, saúde do trabalhador e políticas públicas, entre outros.

E a troca de experiências com profissionais de outras instituições foi valiosa para a promoção de novas parcerias da Unesp.

Visão interdisciplinar

Criação de redes de pesquisa e inovação na Universidade foi debatida em evento

Cíntia Leone

No dia 27 de março, foi promovido o workshop "A Unesp e o Desafio de Coordenar Grandes Redes de Pesquisa e Inovação: um Olhar para a Interdisciplinaridade". O evento, realizado no Núcleo de Educação a Distância, em São Paulo, reuniu pesquisadores da **Unesp**, da Unicamp e representantes da Fapesp e do CNPq.

Abrindo os debates, a pró-reitora de Pesquisa Maria José Giannini afirmou que, embora a Universidade tenha aumentado o número de projetos temáticos na Fapesp, ainda está muito aquém da Unicamp e da USP. "Falta ousadia aos nossos pesquisadores para assumir a coordenação desse tipo de iniciativa", assinalou.

Em seguida, Augusta Alvarenga, da USP, e Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da Fapesp, fizeram uma mesa-redonda abordando a interdisciplinaridade. "Os problemas de pesquisa do mundo atual exigem respostas que não podem ser encontradas em apenas uma fronteira



Shutterstock

Discussões abordaram necessidade de maior volume de projetos temáticos da Unesp

disciplinar", enfatizou Augusta.

Para Brito Cruz, o financiamento de pesquisa também se transformou – no modo de fazer e na escala, hoje na casa dos milhões de reais. "Essa mudança demorou a ser percebida pelas agências de fomento, o que prejudicou muito o Brasil num determinado momento", lamentou.

Na segunda mesa-redonda, Maria Beatriz Bonacelli apresentou o Departamento de Política Científica e Tecnológica no Instituto de Geociências

da Unicamp, criado para ser multidisciplinar.

Ao lado dela, Alexandre Garcia Costa da Silva, da Coordenação Geral de Programas de Pesquisa em Ciências Exatas do CNPq, criticou a hiperespecialização dos periódicos brasileiros. "Isso está na contramão de outras revistas científicas de ponta, como a *Nature* e a *Science*", disse.

Douglas Eduardo Zampieri, coordenador da Área de Pesquisa para Inovação da Fapesp, analisou a busca por números de artigos, no Brasil. "É necessária

uma política direcionada para diminuir a quantidade e investir em qualidade", concluiu.

Com ele, Vanderlan Bolzani, diretora da Agência de Inovação da Unesp (AUIN), citou como exemplo de interdisciplinaridade as indústrias de cosméticos, que investem em neurociência, "para entender a sensação provocada pelos aromas, pelas texturas dos produtos no contato com a derme".

O evento foi encerrado com palestras nas áreas de Humanidades; Ciências Exatas e

da Terra; Agrárias; e Biológicas. Tullo Vigevani, professor aposentado do Câmpus de Marília e pesquisador do INCT da **Unesp** para Estudos sobre os Estados Unidos foi o primeiro a falar. "Nossa rede não foi criada artificialmente, mas pelo resultado da articulação de pesquisadores que trabalham juntos há mais de 20 anos", contou.

Élson Longo, do Instituto de Química, Câmpus de Araraquara, apresentou o INCT de Nanotecnologia da **Unesp** e Centro de Desenvolvimento de Materiais, que envolve sobretudo **Unesp**, UFSCar, USP e IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares). Participaram ainda do evento, discorrendo sobre a área de Ciências Agrárias, Lúcia Galvão de Albuquerque, do Câmpus de Jaboticabal; e, sobre a área de Ciências Biológicas, Mario Sérgio Palma, do Câmpus de Rio Claro.

No final do evento, foi realizado um intenso debate sobre a promoção da interdisciplinaridade e da inovação na Universidade.

Lato sensu sem preconceito

Workshop buscou superar preconceitos e fortalecer cursos de especialização

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação (ProPg), com apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), promoveu em 10 e 11 de abril o 4º Workshop de Pós-Graduação Lato Sensu da Unesp, em Águas de Lindoia (SP). O evento discutiu os desafios dos cursos de especialização na Universidade e ganhou um impulso extra com a recente declaração do Ministério da Educação sobre um marco regulatório mais exigente para o setor. Diferentemente da formação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), a pós-graduação lato sensu ainda não é avaliada pelo MEC.

Na abertura, o pró-reitor de Pós-Graduação, Eduardo Kokubun, acentuou que ainda

há preconceito sobre o tema. "Especializações servem para atualizar o profissional e serão fundamentais em um mundo com mudanças rápidas, em que as pessoas vivem mais e por isso têm carreiras cada vez mais longas", afirmou.

Um dos principais temas do debate foi a educação a distância (EaD). Para Kokubun, os cursos em EaD de instituições de ponta podem ser até mais exigentes do que os presenciais. "Em muitos cursos a distância, o aluno tem metas de participação, tem horário para responder solicitações das disciplinas e os professores também têm prazos para responder às dúvidas, o que nem sempre ocorre em cursos tradicionais", declarou, destacando que a **Unesp**, assim



Cíntia Leone

Educação a distância foi um dos assuntos avaliados

como algumas das principais universidades do mundo, disponibiliza aulas ou cursos a distância.

Outra característica do lato sensu que ainda gera polêmica é a parceria com a iniciativa privada, e esse foi o tema da apresentação do professor Kléber

Tomás de Resende, responsável pela Coordenadoria Didático-Científica da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp). "A relação com o setor produtivo é estratégica para a Universidade, e o papel da Fundunesp hoje é articular essa parceria", enfatizou.

A pró-reitora de Extensão, Mariângela Fujita, defendeu o fortalecimento dos cursos de difusão de conhecimento e de aperfeiçoamento. "Alguns têm grande importância para as regiões onde são ministrados e outros têm potencial inclusive para se tornar uma especialização", disse. Um dos exemplos desse tipo de iniciativa é a Universidade do Livro (Unil), programa permanente de formação da Editora Unesp, que oferece também aulas em EaD. "O mais gratificante dos cursos a distância é que eles atendem pessoas que moram em outros Estados e não poderiam se deslocar até nós para assistir às aulas", afirmou João Luís Ceccantini, assessor editorial da Unil. (C.L.)

Um portal para facilitar o trabalho do pesquisador

Núcleo de Computação Científica lança ferramenta com interface amigável

Marcos Jorge

O Núcleo de Computação Científica (NCC) da Unesp lançou em março um portal para que pesquisadores pouco familiarizados com computação possam submeter processamentos de suas pesquisas com mais facilidade. A nova ferramenta permite, por exemplo, que qualquer pesquisador possa enviar seu processamento científico, checar resultados ou fazer simulações pelo browser do computador, celular ou tablet, sem ter que lidar com códigos complexos e telas de comando.

O desenvolvimento de um portal com interface convidativa e que facilitasse o acesso de usuários iniciantes começou há cerca de um ano e meio, mas a proposta de criar mecanismos que ajudassem a democratizar o recurso do processamento científico existe desde que as primeiras máquinas do gridUnesp foram ligadas, em 2009, explica Gabriel von Winckler, desenvolvedor e administrador de sistemas do NCC, que coordenou a criação do portal.

“O portal permite um fluxo completo de trabalho sem ter que usar nenhuma tela de comando”, explica Gabriel. “É bom para os usuários que estão chegando, que são



Portal estimula acesso de usuários iniciantes, com equipe que facilita utilização de recursos



GridUnesp: novidade deve aumentar número de projetos cadastrados

pouco familiarizados com essa ferramenta, e para aqueles que enviam um número relativamente pequeno de processos.” O NCC também

possui uma equipe que oferece assistência aos pesquisadores para facilitar o uso dos recursos do grid.

Antes do portal, pesquisadores precisavam executar todos os procedimentos usando códigos a partir de uma tela de comando pouco convidativa, além de terem de usar programas específicos para transferência de arquivos. Agora, todo o processo pode ser feito a partir de um browser como Google Chrome ou Mozilla Firefox.

Winckler ressalta

que existem iniciativas semelhantes em centros de pesquisa no exterior, mas que, no Brasil, um portal com esse intuito e com a capacidade de atender diversas áreas do conhecimento é algo inédito. “Outro diferencial é

que todo este código que foi desenvolvido para criação do portal está liberado com licença livre”, explica o desenvolvedor do NCC.

A expectativa no Núcleo é que o portal facilite o acesso de novos pesquisadores e o número de projetos e usuários cadastrados aumente. Iniciado em setembro de 2009, o sistema do gridUnesp tem, atualmente, 242 usuários ativos e 53 projetos em 11 áreas de pesquisa, consumindo cerca 90% da capacidade do sistema.

Recentemente, um projeto de atualização e expansão do GridUnesp foi aprovado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o que deverá promover o aumento da capacidade do sistema até o início de 2015.

Acessar o novo portal do gridUnesp, no endereço <<http://portal.grid.unesp.br>>.

Reitor é reconduzido à vice-presidência da AUIP

Julio Cezar Durigan, reitor da Unesp, foi reconduzido ao cargo de vice-presidente da Comissão Executiva da Associação Universitária Ibero-americana de Pós-graduação (AUIP) para o biênio 2014/2015. A decisão foi tomada pelos reitores e/ou representantes legais das 184 instituições afiliadas à Associação na Assembleia Geral Ordinária, realizada na cidade de Bogotá, Colômbia, nos dias 19, 20 e 21 de março. Roberval Daiton Vieira,

chefe de Gabinete da Unesp, representou o reitor na reunião.

“O encontro permitiu reunir esforços para incrementar, fortalecer e consolidar a oferta de estudos de pós-graduação na Ibero-américa”, disse Francisco González Lodeiro, reitor da Universidade de Granada, reeleito presidente da AUIP.

SOBRE A AUIP

A AUIP tem como objetivo geral contribuir, sob um

critério de alta qualidade acadêmica, com a formação de professores universitários, em nível de pós-graduação, em função das necessidades de desenvolvimento de cada país e da comunidade ibérica de nações.

Informações sobre a AUIP em <<http://www.auip.org/>>.

Mais modalidades na Copa Unesp 2014

Além de futsal, evento terá disputas em vôlei de praia e natação

A Copa Unesp 2014 traz novidades. Em sua segunda edição, a disputa contará com as modalidades Vôlei de Praia e Natação, além do Futsal já disputado na edição de 2013. O evento é realizado pela Liga InterUniversitária de Esportes Universitários (conjunto das Atléticas e Centros Acadêmicos da Universidade) com apoio da Reitoria.

As novas modalidades serão realizadas, inicialmente, em três etapas classificatórias, em Bauru, Rio Preto e Sorocaba, nos dias 7 e 8 de junho. As equipes vencedoras avançam para a etapa final, que será em Araraquara, no dia 1º de novembro.

As disputas de futsal mantêm o mesmo formato de 2013,

com uma fase de grupos inicial e, posteriormente, uma fase eliminatória (mata-mata) iniciada por oitavas de final. Neste ano, serão 7 grupos, com data de jogos prevista entre 23 de abril e 8 de junho. A fase de eliminatórias terá início no dia 4 de agosto e terminará no dia 1º de novembro, com a disputa final realizada em Araraquara.

Mais informações com Fillipi Valadares, presidente da Comissão de Marketing – Liga InterUnesp de Esportes Universitários e diretor de Externas – Associação Acadêmica Atlética XVI de Agosto – Unesp de Assis <(19) 9-9196-6171>; <fillipiv@gmail.com>.

Na presidência da CTNBio



Cíntia Leone

Velini participará das discussões sobre liberação de produtos transgênicos

Em suas decisões sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs), o governo federal recebe apoio técnico e assessoramento da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio. Desde 24 de março, a presidência dessa comissão é ocupada por Edivaldo Domingues Velini, diretor-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp), que cumprirá um mandato de dois anos.

“A CTNBio é possivelmente uma das mais importantes comissões técnicas do Brasil e é a primeira vez que ela é presidida por alguém da **Unesp**”, comenta Velini. “É um cargo bastante relevante e, por isso, é um motivo de orgulho e uma honra muito grande ter sido escolhido.”

O dirigente enfatiza que, por ser um órgão colegiado – integrado por 25 membros, ligados a vários setores –, a CTNBio se caracteriza por uma grande diversidade de interesses e valores.

“Portanto, toda a liberação comercial de um novo produto transgênico é um processo complexo”, adverte. “O que se espera do presidente é que ele ajude a CTNBio a construir o melhor juízo possível à luz do conhecimento disponível.”

Velini é engenheiro agrônomo formado pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da **Unesp**, Câmpus de Jaboticabal, em que também obteve os títulos de mestre e doutor no Programa de Produção Vegetal. Pós-doutorou-se no Japan International Research Center for Agricultural Sciences (Jircas), no Japão. E realizou estágio de pós-doutorado no Natural Products Utilization Research Unit – NPURU – USDA, na cidade de Oxford, no Mississipi, nos Estados Unidos.

É professor da FCAV desde 1985, unidade da qual foi diretor, entre 2009 e 2013. Desde o ano passado à frente da Fundunesp, também ocupa o cargo de diretor-científico do Parque Tecnológico de Botucatu, que tem como ênfase Biotecnologia e Bioprocessos.



Massuia, um secundarista que faz iniciação científica na Unesp

Paixão precoce pela Física

Bruna Kalaes

Normalmente, a Física não é um tema que seduz os estudantes secundaristas. Felipe Massuia, de 16 anos, aluno do 2º ano do ensino médio na Etec Albert Einstein (SP), é uma das exceções. Já envolvido com o conhecimento dessa área e sonhando em ser cientista, Massuia pesquisou incansavelmente até encontrar o Programa Iniciação Científica Júnior, oferecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a jovens de ensino médio.

Foi em uma entrevista na televisão que Massuia descobriu o trabalho desenvolvido pelo professor Sérgio Novaes no Instituto de Física Teórica (IFT), Câmpus da **Unesp** de São Paulo, e na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (Cern). Bateu em sua porta, pediu para que Novaes aceitasse orientá-lo em seu projeto e o pesquisador topou. Hoje, Felipe completa quase um ano como

bolsista no IFT: “Desenvolvo meu projeto com pesquisadores que de fato estão na área, trabalho com eles no dia a dia da universidade e tenho uma noção da ciência de verdade. Aqui, ganho um conhecimento muito mais amplo do que em um colégio”, explica.

Massuia participou da sétima edição do Masterclass, que nos dias 27 e 28 de março reuniu turmas de ensino médio no IFT para conhecer o mundo da Física. Lá, ele fez uma apresentação sobre como estudantes desse nível de ensino podem participar de programas de iniciação científica em universidades (veja reportagem sobre o Masterclass na página 5).

Se Felipe parece um estranho no ninho entre os alunos secundaristas? “De certa forma, para os meus colegas, é meio esquisito eu estar na escola e já ter um contrato com uma universidade, mas consigo levar o projeto como um curso extracurricular”, explica.

SEMPRE UNESP

Craque nas mídias sociais

Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e consultora em mídias sociais e marketing digital, Tatiana Aoki Cavalcanti é diretora de Mídias Sociais na Aoki Media, com clientes como Editora Abril (*Planeta Sustentável*, *Capricho*, *MdeMulher* e *Abril Mídia*), *National Geographic* e MTV.

Formada em 2007, no curso de Jornalismo da **Unesp** em Bauru, hoje ela integra o grupo Jornalismo e a Construção da Cidadania (ECA-USP). Atua com estratégias e consultoria em mídias sociais desde 2008, ao iniciar

a carreira como mobile community manager no Japão, onde também atuou como correspondente internacional.

É blogueira desde 2004 e recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo de Melhor Blog em 2011. Durante a graduação, realizou iniciação científica cuja proposta era mapear temas sobre a dinâmica urbana do município de Penápolis (SP). A pesquisa, financiada pela Fapesp, ficou em 3º lugar entre os melhores trabalhos de iniciação do Brasil pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em 2007.

“O ambiente da **Unesp** favorece

a formação por ser descontraído e exigente ao mesmo tempo. Tive aulas incríveis, que abriram minha mente, que me fizeram chegar a minha atuação profissional de hoje. A formação bem consistente, tanto teórica quanto prática, foi muito importante para a minha formação”, afirma.

Para Tatiana, os principais desafios da **Unesp**, assim como de todas as universidades, são hoje a internacionalização e a formação empreendedora. “São questões essenciais para o estudante, venha ele a trabalhar como assalariado ou como empregador”, avalia.



Editora Abril está entre os clientes da jornalista Tatiana

Jovens líderes vão à Europa

Ex-aluna de Araraquara integra grupo que encontrou autoridades e empresários na Espanha

A Fundación Carolina é uma instituição da Espanha que promove as relações entre seu país e as nações ibero-americanas. Entre as suas várias iniciativas, está o Programa de Jovens Líderes Iberoamericanos, que leva recém-formados por universidades escolhidas pela fundação a conhecer a realidade espanhola.

Lais Aparecida Galdino, que se formou em dezembro de 2012 em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus da **Unesp** de Araraquara, participou do programa. Ela foi um dos dois nomes indicados pela Universidade, passou por um processo de seleção e, com outros quatro brasileiros, integrou



Lais (centro) e Soraya Sáenz de Santamaría, vice-presidente espanhola

a turma de cerca de 40 jovens escolhidos na América Latina, Portugal e Espanha.

Em julho, o grupo conheceu as cidades espanholas de Madri, Toledo e Valência. "Tivemos encontros com autoridades e lideranças empresariais e fizemos visitas às instalações de

algumas empresas", afirma Lais.

Os jovens foram também a Bruxelas, na Bélgica, onde estiveram na sede da União Europeia (UE). "Lá, conversamos com representantes espanhóis na UE", recorda Lais. "Fomos realmente tratados como futuros líderes das relações ibero-americanas."

Ela avalia como muito positiva a experiência de quinze dias na Europa. "Por um lado, houve o intercâmbio com os outros recém-formados, que me ajudou a conhecer melhor a realidade econômica e política de seus países", explica. "Por outro, foi importante ser informada sobre as medidas que as autoridades vêm tomando para superar a crise que a Espanha enfrenta."



Fotos divulgação

A estudante (com pasta) e colegas, no Parlamento Europeu

Jaboticabal recolhe doações para asilo

Mariana Trevisoli – Assessoria de Imprensa de Jaboticabal

O Centro Acadêmico IX de Setembro, composto por alunos do curso de Administração da **Unesp** de Jaboticabal, realizou no dia 27 de março uma coleta de mantimentos, produtos de limpeza e higiene pessoal para doar ao Asilo "São Vicente de Paulo", localizado no município.

No dia 28 de março, os representantes do Centro Acadêmico e estudantes do curso

visitaram o local para entregar as doações. Ao todo, foram arrecadados 100 litros de leite, 25 pacotes de macarrão, 14 kg de arroz, 11 kg de feijão, 2 molhos de tomate, 5 garrafas de óleo, 30 sabonetes, 25 cremes dentais, 15 detergentes e 1 esponja de aço.

Presidente do Centro Acadêmico, Ricardo Ferreira informa que os alunos foram recebidos pelos funcionários do "São Vicente de Paulo", fizeram

uma visita às instalações do prédio e conheceram alguns de seus habitantes. "O ato de cidadania contou com o apoio da direção da faculdade, do coordenador do curso de Administração, o professor Roberto Louzada, e mostrou aos alunos a importância de ajudar quem precisa", afirma. "Dado o sucesso da iniciativa, com certeza novas ações sociais ocorrerão dentro em breve."

Divulgação



Representantes do Centro Acadêmico e alunos juntaram-se a funcionários e habitantes do local

Música, do Brasil para a Itália

Luciana Maria Cavichioli – AUIN/Unesp

Bruno Mota, Caio Chiarini e Diego Sales são estudantes do curso de licenciatura em Educação Musical no Instituto de Artes (IA) da **Unesp** de São Paulo. Os três fazem parte do grupo de música instrumental brasileira 3 no Som, que realizou apresentações musicais e ministrou oficinas em fevereiro na cidade de Valdagno, situada na região do Vêneto, na Itália. As atividades tiveram como foco os gêneros samba, choro e forró.

As apresentações e oficinas aconteceram na escola Progetto Musica Associazione Culturale Artistica. As oficinas, que buscavam estabelecer diálogos entre as características de gêneros brasileiros e europeus, foram direcionadas aos alunos de Música, e as apresentações foram abertas à comunidade. "Falar da cultura brasileira associando-a à cultura europeia me parece natural e necessário para uma melhor compreensão e apreensão de nossas manifestações", comenta Diego Sales, gaitista do grupo. Durante as oficinas, os estudantes italianos puderam experimentar e improvisar a

partir das características de gêneros brasileiros.

As apresentações e oficinas integram um projeto que fez parte do edital de Intercâmbio e Difusão Cultural do Ministério da Cultura do Brasil. Durante as oficinas também foram apresentadas, além de composições autorais, obras referência de grandes mestres do samba, do choro e do forró. "O grupo 3 no Som se propõe, além de tocar e estudar as diferentes linguagens da música brasileira, pesquisar sua história, seus compositores, as diferentes linguagens e o diálogo entre estéticas musicais", assinala o percussionista Bruno Mota.

"Entre as nossas metas para este ano estão a gravação de nosso primeiro CD e a expansão do 'Sai da Toca', projeto criado pelo 3 no Som que tem a intenção de intervir artisticamente nos espaços públicos", diz o violonista Caio Chiarini.

Veja o documentário recém-lançado sobre o 3 no Som no link: <http://goo.gl/F3tQ2g>.

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Delegação japonesa discute colaboração



Luciana Maria Cavichioli/AUIN/Unesp

Representantes da Japan Science and Technology (JST) reuniram-se com a equipe da Agência Unesp de Inovação (AUIN), no dia 7 de abril, no Câmpus da Unesp de São Paulo. O encontro teve como objetivo estabelecer uma colaboração entre as agências, com o objetivo de possibilitar a compreensão do sistema de inovação brasileiro por parte dos japoneses, e também esclarecer os brasileiros sobre o recente sistema nipônico nessa área. Foi também realizada uma prospecção de projetos de interesse industrial a

serem desenvolvidos nos dois locais, para os quais a AUIN disponibilizou suas tecnologias.

Do encontro participaram Hiroyuki Abé, diretor-geral do Center for Intellectual Property Strategies da JST, e a professora Vanderlan da Silva Bolzani, diretora-executiva da AUIN. Também estiveram presentes Takashi Ohama, Hideyuki Asano, Yoko Nishida e Aoi Matsumoto, membros do Technology Transfer Office (TTO), além de Fabíola Spiandorello e Leopoldo Zuaneti, respectivamente gerente de Propriedade Intelectual e assessor jurídico da AUIN.

A JST é uma das instituições

responsáveis pela implementação da política de ciência e tecnologia no Japão, incluindo o Plano Básico de Ciência e Tecnologia. A agência também trabalha para criar uma boa infraestrutura de trabalho e aumentar a compreensão de questões ligadas à ciência e tecnologia no país.

“A AUIN e a JST planejam manter o contato”, afirma a professora Vanderlan. Segundo a dirigente, uma primeira ação a ser desenvolvida seria possibilitar o intercâmbio das equipes técnicas das duas agências.

Encontro debate internacionalização das universidades brasileiras

Entre os dias 12 e 16 de abril, aconteceu em Joinville (SC) a XXVI Reunião Anual da Associação Brasileira de Educação Internacional (Faubai). O encontro registrou 397 inscritos, dos quais 137 especialistas do exterior, representando instituições de ensino superior (IES) de Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda e França, entre outros países.

Além dos integrantes dessas instituições, o evento teve a participação de dirigentes das principais associações de educação internacional do mundo. Entre as lideranças presentes estavam Fanta Aw, presidente da Association of International Educators (Nafsa), dos EUA; Laura Howard, vice-presidente da European Association for International Education (EAIE); Helen Zimmerman, presidente da International Education Association of Australia (IEAA); e Lavern Samuels, presidente da International Education Association of South Africa (IEASA). Participou também da reunião Francisco Marmolejo, coordenador de Educação Superior do Banco Mundial.

O encontro teve oficinas de capacitação, 4 sessões plenárias e 15 sessões paralelas, onde foram



Divulgação

Quase um terço dos participantes do evento veio do exterior

discutidos temas relacionados à internacionalização da educação superior. O futuro do Programa Ciências sem Fronteiras (CsF), o ensino de idiomas e a internacionalização do currículo foram alguns dos assuntos analisados. Os debates deram origem a propostas para o desenvolvimento de uma estratégia nacional para a internacionalização da educação superior brasileira. Uma nova reunião está marcada para abril de 2015, em Cuiabá (MT).

“A avaliação dos participantes foi extremamente positiva e o evento contribuiu para que as IES brasileiras se adequem cada vez mais ao novo cenário da internacionalização”, assinala José Celso Freire Junior, assessor-chefe da Assessoria de Relações Externas da Unesp e atual

presidente da Faubai. “Ao mesmo tempo, a reunião ofereceu às instituições estrangeiras a possibilidade de desenvolverem novas parcerias com as brasileiras e manterem as atuais.”

Com 26 anos de funcionamento, a Faubai reúne cerca de 250 IES de todas as regiões do país e de todos os setores – federal, estadual, comunitário e privado. A associação realiza anualmente sua conferência e tem contribuído de forma significativa para o processo de internacionalização das instituições nacionais. “A importância desta contribuição se tornou crucial com o aparecimento do Programa Ciência sem Fronteiras”, ressalta Freire.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Rodrigo Garcia

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba),
Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da
Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto
Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-
-Araçatuba), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan
Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-
-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-
-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João
Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Silvana Artioli Schellini (FM-
-Botucatu), Maria Dalva Cesarino (IB-Botucatu), José Paes de
Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre
Monteiro de Figueiredo (Dracena), Fernando Andrade
Fernandes (FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira
(FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues
(FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva), Maria
Cristina Thomaz (FCAV-Jaboticabal), José Carlos Miguel
(FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias (Ourinhos),
Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente), Reginaldo
Barboza da Silva (Registro),
Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre
(IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana),
José Roberto Ruggiero (Ibilce-São José do Rio Preto), Carlos
Augusto Pavanelli (ICT-São José dos Campos),
Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Wagner Cotroni
Valenti (CLP-São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba)
e Danilo Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cíntia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Luciana Maria Cavichioli, Marcos
Jorge, Mariana Trevisoli e Ricardo Schinaider de Aguiar (texto);
Bruna Kalaes e Laís Semis (texto e foto); J. S. Diorio (foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Fábrica de Produções
(diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola)
(diagramadores: Jéssica Teles, Mariana Büll, Marcelo
Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcatto
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 16.100 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado
mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa
(ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é
permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro,
CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO:

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>

A NOIVA PROMETIDA

Diretor da FMVZ relata como presença da Unesp mudou “corações e mentes” dos moradores de Botucatu



Alunos tomam faculdade nos anos 1960

No dia 18 de março, foi realizada em Botucatu uma apresentação institucional da **Unesp** para os veículos de comunicação regionais. O evento, organizado pela Assessoria de Comunicação e Imprensa, teve como convidado o professor José Murari Bovo, do Câmpus de Araraquara, que comentou a pesquisa “A contribuição da **Unesp** para o dinamismo econômico dos municípios”, da qual foi o coordenador.

Os quatro diretores das unidades locais estavam presentes. O professor José Paes de Almeida Nogueira Pinto, atual diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), que foi aluno de Medicina Veterinária da unidade, fez um emocionado relato sobre a consolidação da Universidade na cidade onde nasceu.



Prédio da unidade foi construído em Rubião Júnior, longe do centro da cidade

Fotos reprodução

Trechos do discurso do professor Paes

Eu era um garoto de apenas 6 anos quando a Universidade aqui chegou. Na verdade não era uma Universidade, era um Instituto Isolado de Ensino Superior. Para nós botucatuenses, no entanto, era “A FACULDADE”, palavra mágica e mística, anseio de toda uma população. [...]

Ela chegou, “a noiva prometida”, e materializou-se em um prédio na forma de H, distante do centro de nossa cidade, em um distrito em que a maioria de nossa população nunca tinha posto os pés... Rubião Júnior.

A partir daí as coisas nunca mais foram as mesmas...

Não quero discorrer aqui sobre os impactos econômicos que a Universidade trouxe a Botucatu. [...]

[...] Quero falar isso sim de transformações que se deram no coração e na mente das pessoas que aqui viviam, especialmente os jovens

botucatuenses, que se sentiam incomodados com a mesmice de nossa cidade.

Imaginem vocês a revolução que a chegada de cerca de 180 jovens em 1963, estudantes e professores também jovens, deve ter causado na pacata Botucatu. [...]

[...] O famoso “footing” que ocorria na Praça do Bosque na frente do Cine Casino passou a ter como concorrentes as famosas festas nas “Repúblicas”, algumas delas com nomes impronunciáveis [...];

Os bailinhos e brincadeiras do Botucatu Tennis Clube e da Associação Atlética Botucatuense passaram a sofrer a concorrência do famoso Mocó, boate do Centro Acadêmico “Pirajá da Silva”, que abria às quintas e sábados. [...] Os cinemas de nossa cidade (pasmem, já chegamos a ter cinco deles em Botucatu), foram obrigados a incluir em sua programação alguns filmes que fugiam à temática água

com açúcar. [...] É óbvio que, no escurinho do cinema, as mesmas carícias continuavam a ser trocadas, mas com uma trilha sonora mais sofisticada, mais moderna, mas ainda assim, sempre sob o olhar vigilante dos famosos “lanterninhas” [...].

Botucatu também passou a receber grandes nomes de nossa música popular: Chico Buarque, Caetano Veloso, Vinicius de Moraes, Elis Regina, Gilberto Gil, Gal Costa, Paulinho da Viola, Novos Baianos, Gonzagão e Gonzaguinha passaram por aqui em shows memoráveis.

[...] Na política, a turbulência foi enorme. Greves, passeatas, atos contra o governo militar tornaram-se rotina em Botucatu. [...] Infelizmente alguns pagaram muito caro por isso. Infelizmente...

*Passaram-se os anos... nossa Faculdade cresceu, desenvolveu-se muito e em 1976 a **Unesp** foi criada. Lembro-me que naquela época, já como estudante de*

Veterinária, pude sentir que mais uma vez Botucatu, a exemplo de outras cidades, uniu-se em torno de sua “Faculdade”, pois corriam notícias de que várias unidades da recém-criada Universidade seriam desativadas. [...]

*[...] “A Faculdade, hoje **Unesp**, que era um verdadeiro enigma para todos quando foi instalada, hoje é uma poderosa figura totêmica: muitas faces, cada uma voltada para diferentes atividades científicas. E tornou-se um polo de referência. Isso é um orgulho para os dois lados. Se a Universidade lutou muito para conquistar essa posição, Botucatu também fez imensos esforços para se adequar às mudanças ocorridas há mais de cinquenta anos. [...]*

Já me perguntei muitas vezes: o que teria sido de Botucatu, se não houvesse a Universidade? Provavelmente teria minguado, virado uma ‘cidade morta’, como dizia Monteiro Lobato. Mas não... Está cada vez mais viva, embalada pelos ventos

generosos da cuesta. [...]”(1)

A “noiva prometida” ficou bonita como há muito tempo não queria ousar, e todos, professores, estudantes, servidores e Botucatu toda veio, não para a praça, como diria Chico Buarque, mas para o prédio em forma de H, para o HC, para o HV, para o Instituto de Biociências, para o Lageado, para a Edgardia, e dançamos toda a dança ao longo desses 50 anos.

E temos sido felizes, como temos sido...

(1) Trecho de autoria do dramaturgo Alcides Nogueira, irmão do professor Paes, publicado no livro *O Sonho Possível – 50 anos da FMVZ, Unesp, Câmpus de Botucatu*.

A íntegra do discurso do professor Paes está no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <http://goo.gl/d2Gh6S>.